

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
IFCH – INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – LICENCIATURA

LUIZ PAULO SILVA SANTOS

TCL – Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura
CELULAR NA SALA DE AULA - O Espaço que o Celular pode ocupar no
contexto das mídias aplicadas ao ambiente escolar.

PORTO ALEGRE RS

2016

LUIZ PAULO SILVA SANTOS

TCL – Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura

CELULAR NA SALA DE AULA - O Espaço que o Celular pode ocupar no contexto das mídias aplicadas ao ambiente escolar.

Trabalho de Conclusão para o Curso de Licenciatura em Ciências Sociais - 2016 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, como requisito parcial para obtenção de título superior.

Orientador Prof. Dr. Marcelo Magalhães Foohs

PORTO ALEGRE ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

2016

LUIZ PAULO SILVA SANTOS

CELULAR NA SALA DE AULA: O Espaço que o Celular pode ocupar no contexto das mídias aplicadas ao ambiente escolar.

Trabalho de Conclusão de Licenciatura, submetido à seguinte Banca Examinadora:

Porto Alegre, dezembro de 2016

Prof. Dr. Marcelo Magalhães Foohs (Orientador) FACED Faculdade de Educação

DEE - Departamento de Estudos Especializados

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Leandro Raizer (Examinador) FACED Faculdade de Educação

DEC – Departamento de Ensino e Currículo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

INDICE:

Sumário.....	pg 3
Resumo.....	pg 5
1 INTRODUÇÃO.....	pg 6
1.1 A Origem desse TCL sobre o Celular e a Educação.....	pg 6
1.2 As Observações para as Disciplinas de Estágio I e II em 2016.....	pg 7
1.3 A Pedagogia mediando Conflitos.....	pg 8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	pg 9
2.1 O celular, A Educomunicação e o Ecossistema Comunicativo; O Hábitus, o Estruturalismo e o Funcionalismo.....	pg 9
3 METODOLOGIA -.....	pg 11
3.1 Pesquisa Qualitativa.....	pg 11
3.2 Triangulação de Dados.....	pg 12
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	pg 13
4.1 Quem são e o que pensam os professores do Ensino Médio sobre as novas tecnologias.....	pg 13
4.2 Quem são e o que pensam os alunos do Ensino médio sobre as novas tecnologias.....	pg 14
4.3 A Estrutura Oficial e as Leis.....	pg 15
4.4 Geração Celular: Jovens Autônomos Reflexivos, ou presos às estruturas?.....	pg 16
4.4.1 Giddens e a Reflexividade.....	pg 19
4.4.2 Bourdieu e o Estruturalismo.....	pg 20
4.5 A Capacitação do Professor. Aulas menos entediantes.....	pg 22
4.6 Algumas Funcionalidades e Aplicativos que podem ser usados nas aulas.....	pg 23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	pg 26
Referências Bibliográficas	pg 29
Anexos.....	pg 31

RESUMO

Este trabalho foi idealizado, após a observação em sala de aula sobre o descompasso que existe, no momento em que o professor está ministrando aulas e os estudantes, com seus celulares na mão, vivem num mundo paralelo, bem distante cognitivamente do ambiente de ensino, onde se encontram seus corpos. Imergimos na obra de Bourdieu na teoria da educação sociológica, fazendo uma comparação com o estruturalismo. Notamos aproximações com Giddens também, no momento em que o jovem se mostra reflexivo, criticando o sistema escolar e, da área da comunicação virtual, comparamos a teorias do “Ecossistema Comunicativo”, desenvolvido nos estudos de Ismar Soares . Buscamos compreender o ambiente em sí, os propósitos e o papel de cada agente envolvido nesse meio, desde a estrutura governamental, aos motivos da família. Por fim, apresentamos as conclusões do cruzamento de dados de observações e entrevistas, em que participaram os estudantes e os professores.

Palavras chave: celular; sala de aula; pedagogia; educomunicação; mídias digitais; ecossistema comunicativo.

ABSTRACT

This work was conceived after the observation in classroom about the mismatch that exists, at the moment the teacher is teaching classes and the students, with their cell phones in hand, live in a parallel world, far cognitively from the teaching environment, where their bodies are. We immerse ourselves in Bourdieu's work in the theory of sociological education, making a comparison with structuralism. We note Giddens's approximations as well, when the young man is reflective, criticizing the school system and, in the area of virtual communication, we review the theory of "Communicative Ecosystem", developed in the studies of Ismar Soares. We seek to understand the environment itself, the purposes and the role of each agent involved in this environment, from the governmental structure, to the motives of the family. Finally, we present the conclusions of the cross-referencing of observations and interviews, in which students and teachers participated.

Keywords: cell phone; classroom; pedagogy; educommunication; digital media; communicative ecosystem.

1. - INTRODUÇÃO

1.1 A ORIGEM DESSE TCL SOBRE O CELULAR E A EDUCAÇÃO

“O Sociólogo, é igual ao ferreiro, um trabalhador manual e deve estar constantemente aperfeiçoando suas ferramentas.” O OFÍCIO DO SOCIÓLOGO – BOURDIEU

Essa proposta de pesquisa surgiu após a observação em sala de aula sobre o fascínio que as Tecnologias de Informação Móveis (TIM) têm sobre os estudantes, causando a impressão, em determinados momentos, de convivermos com jovens membros de comunidades zumbi, absortos e extasiados numa realidade paralela. Caras, bocas e trejeitos em cada canto da sala chamam a atenção ao olhar criterioso do observador para outra vida. De corpo presente, superlotam o ambiente, poucos sabem o que está acontecendo no contexto das disciplinas. Assim, os professores podem estar tratando de questões das mais diversas áreas, como geometria espacial em matemática, morfologia da língua portuguesa ou então sobre a República Federativa do Brasil em história, que a maioria permanece enclausurada numa espécie de cápsula espacial, num auto confinamento intelectual, talvez numa busca de resposta a algum paradoxo da alma.

A relevância desse assunto fica evidente nesse momento em que os níveis educacionais no Brasil, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), encontram-se estagnados, sem perspectiva de melhora, com notas baixas e sem conseguir cumprir as metas nacionais. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado e coordenado pelo INEP desde 2007, tem o objetivo de monitorar a qualidade da educação por meio de dados resultantes de provas aplicadas pelo governo e taxa de rendimento escolar. Esses dois componentes possibilitam a apropriação censitária pelo governo e pela população, da realidade do nível educacional anualmente. A realização desse monitoramento permite traçar metas para melhorar a qualidade do ensino.

O celular em sala de aula, talvez não seja exatamente um desagregador, mas sim um valioso instrumento que pode vir a servir como ferramenta de apoio educacional, se usado segundo critérios pedagógicos corretos.

Nesse trabalho trataremos, por ser o objeto da pesquisa, do ensino médio em suas três séries, ou seja, 1º, 2º e 3º anos.

1.2 AS OBSERVAÇÕES PARA AS DISCIPLINAS DE ESTÁGIO I E II EM 2016

A escolha da amostra que foi observada e pesquisada deu-se pela detecção “in loco” do problema citado, envolvendo o uso de celulares, em escolas e turmas em que os estagiários de Licenciatura/2016 da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizavam suas aulas (12 escolas de E.M. de Porto Alegre RS). As entrevistas foram aplicadas pelos colegas estudantes da UFRGS a seus alunos e posteriormente devolvidas nas aulas teóricas, na universidade. As entrevistas efetuadas com 28 professores do Ensino Médio, foram aplicadas pessoalmente aos educadores nas escolas. As observações fizeram parte das disciplinas de estágio I- 2016/1 e estágio II- 2016/2, ministradas pelo professor Dr. Leandro Raizer.

O problema de pesquisa que empresta nome a este trabalho de conclusão de licenciatura, é, “CELULAR NA SALA DE AULA: O Espaço que o Celular pode ocupar no Contexto das Mídias Aplicadas ao Ambiente Escolar.” Foi este o objeto material, o centro de convergência dos interesses dos alunos na sala de aula, identificado nas observações.

O aparelho celular, principalmente sustentado por suas possibilidades de acessar o universo globalizante de informações, compete com o professor em sala de aula, gerando um suposto déficit de atenção, com o conseqüente desligamento do estudante com o que estava acontecendo nas disciplinas. A observação de conflito toma sentido, pois, há uma contraposição ao objetivo da estrutura educacional, (colégio – professor – aula) que é construir junto com o educando o conhecimento.

Num primeiro momento, vamos tentar compreender o mundo contemporâneo da canalização das atenções, num processo denominado de *pervasividade*¹. Através dos instrumentos de compreensão da realidade trabalhados nesse projeto, buscaremos relacionar a intensidade e os motivos das tecnologias digitais à estrutura cognitiva do jovem nesse novo momento. O fascínio do educando é evidenciado na aparente mudança de humor ao interagir pelo celular nas redes sociais ou nos aplicativos. Assim, a educação formal tradicional, parece perder sentido ao jovem, por encontrar ele, em outra fonte, maior expressividade no mundo com significados que pode lhe dar possibilidade de interação segundo sua personalidade.

¹Pervasividade - Pervasivo é uma palavra nova, que reproduziremos nesse trabalho no sentido de “mundo virtual, abstracionismo”. Essa referência foi possível devido a analogias nos contextos em que apareceu. Contudo, essas equivalências nem sempre são fiáveis (*comprehensive* nem sempre significa o mesmo que *compreensivo*, *abusive* pode ser *abusador*, etc.) e muitas vezes não podem, sequer, ser estabelecidas, pois numa das línguas o termo que pensamos ser equivalente ao da outra não existe. É o caso de “pervasivo” (*pervasive*), que não consta dos dicionários de língua portuguesa, nem mesmo dos especializados na área da medicina. Na Internet, porém, o Google registra 1830 ocorrências da palavra “pervasivo” em páginas escritas em português. Em muitas delas, o adjetivo é usado no âmbito da informática e sobretudo por falantes brasileiros. *Pervasive* significa, então, «que se infiltra, que penetra; espalhado, difuso; penetrante». Pode ainda ser usado com o sentido de «ubíquo, universal». Mas, no domínio específico das doenças psiquiátricas, a expressão *pervasive development disorders* (caso do autismo) pode ser traduzida por «transtornos invasivos do desenvolvimento».

1.3 A PEDAGOGIA MEDIANDO CONFLITOS

Segundo o conceito educacional da *Escola Nova*¹, onde, conforme Anísio Teixeira, - a construção do conhecimento se dá numa troca de saberes, onde quem ensina também aprende - é necessário harmonia na relação para que a empatia gere os frutos do desenvolvimento. Quando não há harmonia na relação, acontecerão resistências e negações de ambas as partes.

Para que a aula não se torne monótona e sem vida, permaneça atrativa, gerando a construção recíproca, é preciso inovar, para isso apropriar-se das novidades e tecnologias desenvolvidas pela humanidade, requer urgência. As escolas estão preparadas para esse novo momento de relação? E os professores?

Os aperfeiçoamentos não se dão apenas no contexto da comunicação, mas também nas “ferramentas” usadas para trabalhar essa comunicação. Professor competente deve buscar novas ideias, procurar se manter atualizado. Tão importante quanto o método, a forma de transmitir, são os recursos pedagógicos. O professor, um artista em cena, precisa encarnar a essência do personagem talhado pela sua trajetória para ministrar o saber. Cada aula, cada público, necessita um momento especial, uma essência, pois conforme Saviani:

“Por ideias pedagógicas entendo as ideias educacionais, não em si mesmas, mas na forma como se encarnam no movimento real da educação, orientando e, mais do que isso, constituindo a própria substância da prática educativa” (p. 6) SAVIANI – 2007

Ainda, segundo esse autor, as “novas ideias” estão associadas à “descrença no saber científico” e à “procura de ‘soluções mágicas’ do tipo reflexão sobre a prática, relações prazerosas, pedagogias do afeto, transversalidade dos conhecimentos e fórmulas semelhantes”. Nesse quadro, cresce o desprestígio dos professores, enquanto se consuma o domínio do “utilitarismo” e do “imediatismo da cotidianidade” sobre “o trabalho paciente e demorado de apropriação do patrimônio cultural da humanidade” (p. 444-446).

A experiência pessoal de observação em sala de aula, nos dois semestres,

¹ A Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino que foi especialmente forte na Europa, na América e no Brasil, na primeira metade do século XX. O escolanovismo desenvolveu-se no Brasil sob importantes impactos de transformações econômicas, políticas e sociais. O rápido processo de urbanização e a ampliação da cultura cafeeira trouxeram o progresso industrial e econômico para o país, porém, com eles surgiram graves desordens nos aspectos políticos e sociais, ocasionando uma mudança significativa no ponto de vista intelectual brasileiro.

possibilitou a construção de um amplo relatório que norteou a ideia central, os fundamentos pedagógicos e gerou a hipótese e a consequente execução deste Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura.

À medida que as indagações surgiam, adentramos esse universo com seus personagens principais, os quais destacamos: num extremo o professor, no outro o aluno, cujo motivo de coexistência é a educação. A materialização dessa vivência ocorre no ambiente escolar, um prédio, que sem seus atores principais nada mais é que uma interferência da mão humana na natureza, um ser de concreto sem sentido.

Essa relação de interação entre os personagens, acontece às vezes de forma doce e suave, em outras com embates, dispersões e conflitos. O resultado desse encontro será a produção de mais ou menos conhecimento. A escola foi criada, segundo Júlia Varela (1992), para ocupar um espaço de construir sujeitos pré-programados, referindo-se a uma suposta maquinaria. Assim, segundo essa autora, a invenção da escola deu-se num contexto inicial em que, quem podia pagar recebia a visita dos educadores em sua casa. Posteriormente se institucionalizou, por causa das necessidades de comércio, conhecimento do funcionamento da economia, posturas morais e regramento social. Era o desenvolvimento da sociedade burguesa.

É nesse contexto doutrinário que temos o estado marcando sua presença na vida das famílias, de forma nem sempre eficiente.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O celular, A Educomunicação e o Ecossistema Comunicativo; O Hábitus, o Estruturalismo e o Funcionalismo.

Tomando por base a problemática apresentada, vimos fundamentar teoricamente este trabalho com o estudo desenvolvido pelo Professor Dr. Ismar Soares¹, (coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP,) sobre a educomunicação. Ele trata do uso adequado das tecnologias na educação com propostas para planejar, administrar e avaliar os resultados, visando a formação de profissionais capazes de “usar os recursos da comunicação/cultura no processo de ensino/aprendizagem”. De “planejar os processos de comunicação/cultura, próprios do ambiente educacional” e de “desenvolver critérios e métodos para a análise das políticas e dos processos comunicacionais que se produzem através da indústria cultural, dos chamados meios massivos, como o cinema, a televisão, o rádio, os jornais ou as revistas.

¹Professor Titular Sênior da Universidade de São Paulo. Bacharel em Geografia e Licenciado em História pela Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena, SP (1965). Jornalista formado pela Faculdade Cásper Líbero (1970). Mestre (1980) e Doutor em Ciências da Comunicação (1986) pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado, em 2000, pela Marquette University Milwaukee, WI, USA. Jornalista responsável pela revista Comunicação & Educação, da ECA/USP, desde 1994 até a presente data. Coordenou, de 1996 a 2014, o NCE- Núcleo de Comunicação e Educação da ECA-USP.

Essa nova fase de desenvolvimento de teorias que tratam do uso das Tecnologias de Informação Móvel (TIM) nos espaços escolares, é recente, e tal qual a criação das leis, anda sempre um passo atrás das necessidades da população. Assim, um considerável número de estudiosos debruça-se em cima de números e situações, para formular propostas que melhorem o convívio entre educadores e educandos nesse novo momento globalizante de informação virtual. A escolha por Ismar Soares, levou em conta sua vasta produção de obras nesta área. Como destaque podemos citar:

Do Santo Ofício à Libertação (São Paulo, Paulus, 1988), Para uma Leitura Crítica dos Jornais (São Paulo: Edições Paulinas, 1984), Para uma Leitura Crítica da Publicidade (São Paulo: Edições Paulinas, 1984), Sociedade da Informação ou da Comunicação? (São Paulo: Cidade Nova, 1996). Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação (São Paulo: Paulinas, 2011)

Nas escolas, é preciso que se criem “ecossistemas comunicativos”, como forma de preservar a saúde e o bom fluxo das relações entre os agentes participantes deste meio (SOARES 2004), a educomunicação pode nortear o uso adequado das tecnologias. Ouvir a todos e apresentar ideias propositivas só engrandece o debate. A gestão de comunicação em espaços escolares, nunca foi tão urgente e necessária quanto é no momento, assim, a comunicação precisa ser planejada, administrada e avaliada constantemente.

Também, um trabalho que envolva a Sociologia nessas características, requer a compreensão do hábitus dos estudantes. Esta análise será feita segundo as teorias de Bourdieu(1998) e Giddens(2003), que traçam questionamentos interessantes sobre costumes, preferências e tendências em geral.

Para Bourdieu a realidade é estruturada e estruturante, ou seja, existe nas estruturas que fazem parte da sociedade e na mente das pessoas, como fator inconsciente. O objetivismo e o subjetivismo, correspondem a análises momentâneas, mas não completas.

Para Giddens temos a estrutura como relação entre as pessoas e o meio em que essa relação acontece. É regulada pelos mecanismos “psicológicos” de constrangimento (refrear constante) e de sublevação – potencialidade para realizar (reconhecimento social). Os dois lados, o que limita a ação e o que impulsiona o agente a realiza-la, é proposto a ser definido como ação-estrutura.

3 METODOLOGIA

3.1 PESQUISA QUALITATIVA

Porque usaremos pesquisa qualitativa? A metodologia de pesquisa qualitativa é aquela na qual o pesquisador busca obter resultados aprofundados através da averiguação com certo número de pessoas. Por se tratar de uma pesquisa exploratória (que busca definir como é um cenário), é a forma recomendada, porque desejamos fazer uma busca mais geral e depois definir pontos mais específicos. Através destas pesquisas é possível verificar qual é o panorama do público específico para, na análise dos dados, identificar e apresentar propostas que solucionem estes problemas.

Assim, o modelo de pesquisa adotado foi o de pesquisa qualitativa, pois segundo Uwe Flick – Os pesquisadores estão interessados nas experiências, interações e documentos em seu contexto original. A pesquisa qualitativa se abstém de conceitos bem definidos que possam ser testados. Os conceitos são desenvolvidos e refinados no processo da pesquisa. Parte da ideia de que teoria e métodos devem se ajustar um ao outro.

Análise deve ser feita de diferentes perspectivas. Abordagens dos pontos de vista subjetivos, como o interacionismo simbólico (vivência na sala de aula) e a fenomenologia. Descrição da formação das situações sociais, como a etnometodologia e o construcionismo.

Portanto, a pesquisa qualitativa é política, no sentido de que os pesquisadores de certo modo, definem “de que lado estão”. Mas é também uma ferramenta da pesquisa social para entender o mundo e produzir conhecimento sobre ele.

Na perspectiva da pesquisa para a qual é efetuada a coleta direta de dados de um grupo de pesquisados, localizado em dada realidade social concreta, métodos quantitativos e qualitativos podem ser utilizados desde que os objetivos e a coerência da pesquisa empírica sejam mantidos. Também podemos nos referenciar nos métodos qualitativos de coleta de dados, quando usamos por fundamentação a definição de Cook para afirmar:

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes (Cook, 1981, in Denzin e Lincoln, 2006, p. 17).

A demanda por validar e creditar pesquisa, gera um grande debate entre pesquisadores, sobretudo pesquisas qualitativas, quando a objetividade e a subjetividade fomentam essa busca por resposta a tais dilemas. A triangulação surge como forma de amenizar problemas de credibilidade em pesquisas, ao adotar como estratégia de investigação, múltiplas linhas e métodos de obtenção de informações.

Desse modo, esse trabalho pretende se utilizar da organização e da sistematização de questões e aspectos inerentes à triangulação como forma científica racional adequada à situação presente.

3.2 TRIANGULAÇÃO DE DADOS

Este trabalho será desenvolvido segundo a estratégia da triangulação metodológica, pois, entende-se uma excelente alternativa capaz de construir coerência e coesão. A “triangulação” constitui o mais utilizado na literatura, sendo percebido por vários autores como um conceito central na integração metodológica. Este constitui, uma das formas de combinar vários métodos qualitativos entre si (Flick, 2005a e 2005b) de forma segura e eficiente, para a pesquisa que acolhe um diferenciado volume de informações:

As pesquisas acolhem um volume grande e diferenciado de informações que comportam dados de fontes primárias e secundárias, e compreendem dados recolhidos por meio de questionário de múltipla escolha, observação e falas recolhidas em entrevistas. (FLICK 2005)

Como forma de construir um trabalho que trouxesse maior segurança em seu diagnóstico, usaremos a *triangulação de dados*. Tomaremos como referencia tres pontos fundamentais:

- a. Observações feitas para as disciplinas de Estágio I e II do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFRGS no ano de 2016, sobre os costumes dos estudantes em sala e durante as aulas;
- b. Entrevistas realizadas com professores do Ensino Médio;
- c. Pesquisa aplicada aos alunos que estão cursando os 1º, 2º ou 3º anos da etapa escolar citada.

Segundo o que Udo Kelle descreve em sua obra sobre pesquisa qualitativa e quantitativa, de forma clara e sucinta, do que se trata a triangulação:

Dois significados de triangulação têm emergido nos debates: triangulação como um processo cumulativo de validação, ou, triangulação como um significado para produzir uma imagem mais completa do fenômeno investigado. Essa dificuldade em definir

um claro significado para o termo triangulação deve ser visto como uma consequência direta do metafórico uso dessa palavra. Visto que o termo representa um conceito direto em seu quadro inicial de referência ele carrega uma ambiguidade sistemática quando transferida para o reino de métodos de pesquisas sociais. (UDO KELLE 2001)

Assim, buscaremos construir proposições sobre o espaço que o celular poderá ocupar, enquanto mídia com valor educativo, no meio escolar; Também manteremos disponível a pesquisa transformada em gráficos, de onde poderão ser tiradas muitas outras conclusões, que pela expressão pré-determinada desse trabalho, não serão contempladas.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 QUEM SÃO E O QUE PENSAM OS PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO SOBRE AS NOVAS TECNOLOGIAS.

Entrevistamos 28 professores de 8 escolas públicas de Porto Alegre, sendo 61% do sexo feminino e 39% do sexo masculino. Nesse contexto, o número de mulheres é quase o dobro comparando aos homens. O tempo de magistério de cada participante da pesquisa, variou, (conforme gráficos em anexo) dos 2 aos 28 anos, com predominância dos 10 anos de carreira, com 24% dos entrevistados, vindo logo a seguir, 13 anos, 10%.

Cinco, nove e vinte e oito anos de trabalho em sala de aula, situou-se em fase intermediária com 7% das referências dos educadores. 25% dos professores pesquisados dão aula na área das exatas e 75% de humanas. Não vamos estender essa análise pontual aqui, eis que seriam dados isolados e o objetivo desse trabalho será alcançado com um amplo cruzamento, referenciando esta e outras fontes.

Porém algumas questões merecem ser analisadas nesse momento. Os professores têm entre o dobro e o triplo da idade dos alunos, quanto menos idade, o mestre mostra-se mais suscetível a novas ideias, também se utiliza mais de recursos tecnológicos, porém, à medida que a idade avança, suas pré noções de conteúdo, método e material de apoio, aproximam-se muito do convencional, ou seja aulas expositivas, quadro, giz, e conteúdo didático da série/ano, sobre o qual eles têm rígido e catedrático controle.

Possuem conhecimento básico sobre Tecnologias de Informação Móvel (TIM) e também os novos professores já carregam em seus currículos cursos ligados à área da informática. Impera o uso de textos em aulas expositivas, quando temos no outro extremo, 10 % de aulas, quando acontecem as interações e o uso de multimídia. Quando o uso de recursos com tecnologias são usados, o filme é o que mais aparece com 29%, vindo a seguir a utilização de pequenos vídeos com 24%.

Uma questão destacada pela maioria dos professores como fundamental para o pouco uso da tecnologia da informação como apoio às aulas, foi nunca haver computadores suficientes no laboratório de informática. As causas são o pequeno número de máquinas, mas principalmente, a falta de manutenção.

68% dos professores apontam que os estudantes não possuem interesse nas mídias com fim didático e na mesma linha de análise, e talvez uma das convergências imediatas notadas nesse trabalho, é a referencia de que 89% notaram as notas piorarem com o passar dos anos, enquanto 7% afirmam permanecerem iguais e apenas 4% estimam as notas serem positivas. É sobre essa questão vital da piora do índice de desempenho escolar que parecem convergir todas as observações atuais.

4.2 QUEM SÃO E O QUE PENSAM OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO SOBRE AS NOVAS TECNOLOGIAS.

Durante os meses de agosto e setembro de 2016, realizamos e recebemos as entrevistas aplicadas pelos colegas estagiários do ensino médio da UFRGS, nas escolas públicas de Porto Alegre RS, com as quais a Universidade mantém convênio para execução de estágio de seu corpo discente. Foram 316 entrevistas, sendo a maioria do sexo feminino 59%, e, 39% masculino. As idades variaram, porém a maioria tinha entre 15 e 17 anos, 57%, e entre 18 e 24 anos, 40%.

Quase todos tem telefone celular, 93% , e desses, 60% tem internet. Também é costume de 80% usar o celular na escola, embora mais de 40% admitam já ter tido problemas com o estudo por causa desse hábito.

Os aplicativos que estão em alta entre esses jovens, são as mídias sociais WhatsApp, com 92% de citações, a seguir vem Facebook, com 85% de referências. Esses dois programas servem para interação, mensagens e conversas em tempo real. Depois vem com 45%, o YouTube, os e-mails aparecem com 43 %. Um aplicativo que poderíamos citar como de uso pedagógico, é o Google Tradutor, que foi mencionado 104 vezes, o que corresponde a 30% das referências.

Agora, um outro ponto que servirá de análise mais ampla no desenvolvimento desse trabalho diz respeito à proibição pelas instituições sobre o uso do celular em sala de aula. 63% dos estudantes afirmam que a escola não permite o uso, porém 66% afirmam que algum professor já realizou trabalhos utilizando o aparelho dos alunos.

Buscando compreender as aspirações dos estudantes, perguntamos como a escola poderia aproveitar melhor as Tecnologias de Informação Móvel (TIM), mais propriamente, os celulares dos alunos na sala de aula. 28 % acha que o ideal é solicitar pesquisas, enquanto 24% não respondeu. Apareceu significativo número de respostas no sentido de: “Usar para incentivar, não deixar a aula tão monótona.” “não sei, porém seria importante usar.” “Para envios de mensagens e para Educação à Distância (EAD).” E até “ Os alunos

não cederiam seus celulares para esse fim.” Outras frases, agrupadas com significado mais próximo estão expostas nos anexos, mais propriamente no gráfico nº 15.

4.3 A ESTRUTURA OFICIAL E AS LEIS

O momento atual, em que a informação está a um clicar de dedos, é necessário aceitar que essas novas tecnologias proporcionam ao jovem a possibilidade real de interação no mundo imaginado por ele. Mesmo que numa tela sem vida física, com todo um imaginário exteriorizado em led, porém é palpável.

Muitos aplicativos educacionais são desenvolvidos. O próprio Ministério da Educação e Cultura (MEC), já disponibiliza toda uma plataforma digital para estudo, treinamento e acesso ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), incentivando o jovem a utilizar-se das Tecnologias de Informação Móvel (TIM).

Foi nesse contexto social que fizemos as observações e notamos a pervasividade dos jovens. O distanciamento abissal entre eles e a educação, ministrada por professores que exerciam suas atividades como fantoches sem graça, apresentando-se numa praça qualquer, meio a uma multidão que passa, na pressa de suas obrigações, sem se importar com sua presença. Esses mesmos professores que entrevistamos posteriormente e afirmaram, em 89% (anexos) das respostas que as notas médias dos alunos pioraram nos últimos anos.

Completando a formatação da triangulação de dados, aplicamos mais de trezentos questionários a esses estudantes. Personagens principais, motivo de todo empenho em desenvolver esse trabalho de conclusão, quando demonstraram seu descontentamento com um sistema engessado, apresentado a eles, de forma impositiva, onde veem uma escola estruturada para o mercado e que não lhes é atraente e nem tem sentido. Mészáros¹(2008) criticou a forma com que o ensino é planejado para as novas gerações:

Esta modalidade utiliza-se das reformas educacionais para apenas remediar os efeitos desastrosos da ordem produtiva, mas não elimina os “fundamentos causais e profundamente enraizados”. Para o autor, “limitar uma mudança educacional radical às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa”. (MÉSZAROS, 2008, p. 27)

¹István Mészáros nasceu em Budapeste, em 1930; defendeu tese de doutorado em Filosofia e trabalhou como assistente de Georg Lukács no Instituto de Estética da Universidade da Capital magiar. Em 1991, recebeu o título de Professor Emérito da Universidade de Sussex – Inglaterra – e, quatro anos depois, tornou-se membro da Academia de Ciências da Hungria. Suas publicações foram traduzidas em diversas línguas, com destaque para os livros: Marx: a teoria da alienação; Filosofia, Ideologia e Ciência Social; O Poder da Ideologia; e Para Além do Capital

No estado do Rio Grande do Sul, existe lei estadual proibindo o uso do celular na sala de aula, sancionada em 2008 pela governadora Yeda Crusius, de autoria do deputado Giovane Cherini. A partir de então, os estudantes estariam proibidos de entrar com o telefone ligado em sala de aula, cabendo ao professor conduzir os faltosos à direção, e à esta, caberia a aplicabilidade das penas, que deveriam constar no Plano Político Pedagógico (PPP) da escola. Já a nível federal, tramita na Câmara dos Deputados, o projeto de lei (PL 104/15), de autoria do Deputado Alceu Moreira (PMDB-RS), proibindo o uso de aparelhos eletrônicos portáteis, como celulares e tablets, porém prevê a possibilidade dos aparelhos serem admitidos nas salas, quando integrarem as atividades didático-pedagógicas.

Se num momento o governo proíbe as Tecnologias de Informação Móveis (TIM) na sala de aula, por outro, incentiva o uso dos smartphones, dos tablets e assemelhados na educação, quando lança novos portais, dentre eles o do Enem 2016, com ampla propaganda pela mídia televisiva, com provas simuladas, jogos, dicas e os próprios gabaritos.

Longe de parecer um paradoxo, entenda-se nessa ambiguidade, a tentativa de adequação governamental, num momento de transição, quando a máquina da evolução não pode ser freada. Ela continuará a exercer seu papel de motor da história, independente da morosidade das leis ou da vontade dos governos.

4.4 GERAÇÃO CELULAR: JOVENS AUTÔNOMOS REFLEXIVOS OU PRESOS ÀS ESTRUTURAS?

A realidade do futuro será a verdade dessa juventude que, entende em 87% de suas respostas, que a escola seria um lugar bem mais interessante a eles, se utilizasse melhor as tecnologias. Porém existem resistências, é necessário rever currículos, mexer em planejamentos de aula, mudar o status quo, além de contar com o andamento dos trabalhos dos congressistas e a conseqüente aprovação das leis necessárias.

A educomunicação vem incansavelmente lapidando esse caminho, buscando estabelecer propostas de pedagogia entre educando, educador e as mídias.

“A educação tradicional olha para essa área como algo que, às vezes, pode estar ameaçando a sua ortodoxia; e a comunicação olha para esse campo como algo pobre, algo de gente que não está no mercado.” (Ismar de Oliveira Soares)

Os tempos modernos trouxeram uma nova visão da comunicação e das mídias, fazendo assim surgir essa nova ciência. Sua origem no Brasil vem das experiências pioneiras de Paulo Freire no sertão Pernambucano dos anos 50, nos chamados “círculos da cultura”. Tais experiências com educação popular, com ênfase na comunicação foram fundamentais à obra de Freire, que a partir de 70, ganhou o mundo.

Com o advento da expansão das mídias, e no caso da hegemonia do celular, a educomunicação traz importante contribuição para as estruturas de educação formal e informal. A Educomunicação é um conjunto das ações, inerentes ao planejamento e implementação de processos e produtos destinados a ampliar a capacidade de expressão de todas as pessoas num espaço educativo; Também busca melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas e desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios de comunicação; Usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas e criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos.

O ecossistema comunicativo se constitui do entorno educacional e descentrado em que estamos imersos, ou seja: as pessoas, os meios de comunicação e a comunicação em si.

As redes de comunicação são tratadas como articuladoras de gerações, setores e saberes. Aproximam mais da população os diversos meios, buscando a participação e integração dos mais diversos segmentos sociais e dos mais diferentes povos.

Na comunidade onde se trabalha com a educomunicação, há incentivo, gerando uma iniciativa natural pela busca de novos conhecimentos, de descoberta de talentos, de defesa de interesses. Além de despertar o senso crítico, possibilitando reconhecer na mídia, o que é bom e o que é desprezível.

A Educomunicação é conceituada como o “método de ensino no qual a comunicação em massa e a mídia em geral são usadas como elemento de educação. É também um campo de convergência entre a educação e outras ciências humanas, que começou a surgir a partir dos anos 70, pela Escola de Comunicação e Artes da USP (Universidade de São Paulo)”.

O grande desafio da educomunicação é fazer os alunos colocarem a “mão na massa”, produzindo materiais de qualidade sobre os conteúdos abordados. Por exemplo, sobre a degradação ambiental, os alunos improvisam filmagens dos pontos da cidade em que isso acontece, montam os vídeos fazendo as devidas formatações e terminam propondo como gostariam que fosse aquele local, com sugestões que a população pode adotar para a preservação do ambiente.

Através do trabalho desenvolvido pela educomunicação, os professores conseguem resgatar o centro de interesse dos alunos, que antes se mostravam desmotivados diante do processo de aprendizagem, pois saem da mesmice da sala de aula, desenvolvendo um processo dinâmico e prazeroso. (Site BRASIL ESCOLA)

Trabalhando com o campo de conhecimento das atividades de pesquisa, podemos partir para fatos concretos e fazer o seguinte comparativo: Na questão 8 do gráfico¹ 24, os professores citam em grande escala que - os alunos NÃO¹ propõem e NÃO demonstram interesse em mídias EDUCACIONAIS em suas aulas- . Porém os estudantes responderam, na questão 16 do gráfico² 16, que a escola PODERIA ser um lugar mais atraente aos alunos se usasse melhor as tecnologias.

Conforme observado, mesmo sendo proibido, os estudantes usam, evidenciando um conflito que pode ser evitado, se definidas regras sempre no início de cada ano, com palestras e seminários de conscientização, com o intuito de assumir de vez a tecnologia na sala de aula. Para isso, buscar orientar sobre a instalação de aplicativos educacionais, adequar as leis da escola e formar uma consciência única de uso racional, dirigido, segundo parâmetros didáticos. É a promoção de “Ecosistemas Comunicativos”³ a partir do espaço educativo:

Descobriu-se que, há pelo menos trinta anos, essa nova prática comunicativa vem sendo gestada no seio da cultura contemporânea, levando pensadores como Paulo Freire e agentes sociais como Herbert de Souza, o Betinho, a dar à comunicação intencionalidade educativa a partir de um compromisso social definido: garantir a cada cidadão, o acesso e o uso democrático dos recursos da comunicação, tendo como meta a ampliação da capacidade expressiva das pessoas, independentemente da condição social, grau de instrução, ou inserção no mercado, garantindo que o postulado que defende o 'livre fluxo' da informação seja globalizado, superando a meta liberal de se garantir a 'liberdade de expressão' tão somente aos que detêm controle sobre os sistemas de meios de informação. É a partir desse novo contexto que definimos a Educomunicação como um campo de intervenção social.(SOARES, 2004)

O virtual e o real se articulam numa teia educativa, onde todos participarão com ideias, formando elos e construindo um todo maior. Conforme Ismar Soares (SOARES 2004) , isso implica na revisão das relações comunicativas e de poderes entre professores, pais e alunos.

¹ Questão 8 - Gráfico 24 não 68% - sim 32%

² Questão 16 Gráfico 16 - Poderia 87% - NÃO Poderia 8% - Não Responderam 6%

³ Ecosistema Comunicativo: segundo o professor Dr. Ismar de Oliveira Soares, coord. do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP é algo que cuida da saúde e do bom fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos no ambiente educativo. Esse cuidar também se refere ao acesso de todos ao uso das tecnologias da informação. É justamente essa potencialização que propõe a Educomunicação nos espaços educativos.

Esta gestão participativa do celular na sala de aula, democratiza o sistema e evita os conflitos que acontecem em todas as escolas e em intensidades preocupantes.

Para não se tornar dispersão, essa relação se desenvolverá nos encontros, palestras, debates e seminários que a comunidade escolar deverá fazer, para construir projetos que sejam de interesse dos alunos e se enquadrem como conteúdo curricular.

4.4.1 GIDDENS E A REFLEXIVIDADE

Se formos compreender adequadamente a natureza da modernidade, quero argumentar, temos que romper com as perspectivas sociológicas [...] Temos que dar conta do extremo dinamismo e do escopo globalizante das instituições modernas e explicar a natureza de suas descontinuidades em relação às culturas tradicionais. (GIDDENS, 1991, p.25).

A relação entre agente e sistema (dualidade da estrutura), quando ambos têm um peso igual, uma múltipla troca de essências no fazer final, é o ponto fundamental e o que possibilita, na visão do autor, a compreensão científica, fugindo do objetivismo ou do subjetivismo. Além de facilitar a aplicação de regras e de recursos das práticas sociais.

As instituições formam as estruturas do sistema social, são onde criam sentido as regras e os recursos da sociedade, cuja prática sistemática formará o sistema relacional (GIDDENS 2003). Assim, a configuração das estruturas está ligada à noção de regra, pois sua legitimação, significação e dominação (ambas regras semânticas e de recursos) pertencem à mesma.

Como agente e estrutura, somente coexistem numa simbiose, se sustenta a ideia de que estrutura e ação estão imersas num mesmo processo de estruturação e não podem ser submetidos a dinâmicas causais excludentes. Desse modo, qualquer interpretação que se faça de forma isolada, não tem alcance ou validade científica.

O agente é tido como um ser reflexivo, que monitora continuamente as próprias ações. Os fatos sociais são produzidos intencionalmente por estes, cuja prática leva a uma constante recriação de novas formas de ver, pensar e agir. As estruturas são construídas conforme a necessidade e a ação seguinte será resultado das possibilidades estruturais. O conceito de dualidade da estrutura, (GIDDENS 2003) procura explicar a mediação, que no processo de reprodução social se estabelece entre estrutura e interação.

A agência é a possibilidade do indivíduo de raciocinar e agir, de realizar ações, não como intencionalidade, ou seja, capacidade de intervir casualmente numa cadeia de acontecimentos.

Nesse contexto, o uso do celular não é um acaso imposto ao jovem pelo sistema, mas sim uma opção referendada pelas argumentações comprovadas na entrevista aplicada. O uso majoritário dos aplicativos WhatsApp e Facebook (90%) sobre todos os outros disponíveis no mercado, comparado às falas de que as aulas são entediadas, passam a clara realidade que seu uso é uma opção racional. Vamos mais além e usemos a afirmativa de 82% dos professores, cujas aulas já foram atrapalhadas pelo uso de Tecnologias de Informação Móvel (TIM) pelos alunos. Aqui nós temos uma dimensão onde os jovens dominam e o educador passa a ser o cerceador, representante do estado. Assim, o estudante quer aprender, porém não o que consta nas cartilhas didáticas, nem é atraente a forma com que este aprendizado é ministrado.

Conforme a Professora Dra. Léa Fagundes, (UFRGS) - Há diferentes caminhos que podem levar à construção do projeto, a partir das necessidades do aluno. Inventando e decidindo é que os estudantes/autores vão ativar e sustentar sua motivação. Para tanto, precisa-se respeitar e orientar a sua autonomia .

No contexto atual, as iniciativas dos agentes, estão sujeitas continuamente a serem revisadas. Vivemos momentos de conflito, assim compreende-se como é impossível prever com precisão o resultado das ações dos atores, ou de suas repercussões. Porém vamos conseguir superar esses desafios. Esse conjunto de análises passa pelo crivo das limitações de um estado que ainda está se preparando para este momento.

4.4.2 BOURDIEU E O ESTRUTURALISMO

Mas, como esses aplicativos se tornam tendências mundiais? É certo que os professores em aula, enfrentam uma concorrência desleal. O aluno pode “migrar” de um ambiente virtual a outro num simples clicar digital, nesse mesmo momento, o professor não poderá interromper o raciocínio, para divagar sobre um universo paralelo. É uma estrada a se construir. O sentido objetivo das práticas, remete somente às estruturas externas, não considerando a consciência e a vontade dos agentes. O subjetivismo se detém no sentido, no pensamento, nas crenças.

Os agentes da educação terão que, em suas cartilhas futuras, levar em consideração aulas mais “descoladas” que tenham mais a ver com os objetivos da juventude, ministradas num modelo de descontração, mais informal, porém não menos exigente. Assim, é necessário fazer mais, romper com essa dualidade, através da vigilância e da ruptura epistemológicas, em relação ao senso comum e à sociologia espontânea. O objetivo, então, é chegar ao sentido prático, à verdade do jogo social que o aluno quer jogar, à relação dialética estrutural, institucional e a essas mesmas realidades deverão ser assimiladas pelo currículo.

Dessa forma, nesse estudo, a estrutura revelará o “hábitus” que está incorporado pelas mentes e será externalizado como costume, como forma de agir, como linha de partida a uma nova atmosfera escolar.

Também como notamos nas observações, que muitos alunos seguem o que determinados colegas fazem ou orientam, as vontades desses líderes são contagiantes o suficiente para, normalmente arremeter um grande número de seguidores, um fato que não pode ser ignorado por educadores conscientes. Esses costumes relacionais que são construídos em contatos sociais entre os indivíduos, definidos como “campo” (BOURDIEU 1998), acontecem num espaço onde há também uma competição pelo poder, entre os agentes, onde busca-se o monopólio sobre o capital social da sala (liderança).

Assim sendo, se o líder usa o celular, parte dos colegas se sentirá impelido a usar, uma relação muito natural sob essa linha de raciocínio. Também uma espécie de violência simbólica, dentro deste ambiente. Nessa fase, relacionamos intimamente com a teoria de Bourdieu, o reconhecimento da estrutura de dominação que está incutida nos agentes, chamada “violência simbólica”. A pessoa não vê, mas age de acordo com as proposições do sistema. É preciso provocar o aluno, quando lhe é permitido formular questões que lhe sejam significativas, pois emergem de sua história de vida, de seus interesses, seus valores e condições pessoais. Não estamos então definindo graus de competência, mas um processo que precisa ser orientado (FAGUNDES, 1998).

As relações entre estrutura como algo existente e a intervenção do agente, pode ser compreendida no processo de manutenção ou transformação do jogo de forças da sociedade. Assim o homem interfere nas estruturas e assim a mesma estrutura controla o homem (BOURDIEU, 1992). Ao agente resta a possibilidade de submeter-se ao estado de coisas, que pode dar-se de forma refletida ou imposta ou então, lutar. Dessa forma, todo agente social tem que compreender até onde poderá ir no campo social com suas ideias, o que dependerá da hierarquia no poder em que ele ocupa ou não. A atividade estruturante dos agentes não reage mecanicamente a estímulos, mas sim, respondem a um mundo, cujo sentido, eles mesmos ajudaram a construir (BOURDIEU, 1992). Sua resposta será em cima de questões internalizadas pela relação com um espaço social estruturado:

Toda e qualquer pessoa pode ser importante influenciadora da cultura globalizada. Se para uns pode ser assustador ou desnecessário saber tudo o que seus amigos, contatos, seguidos e seguidores estão pensando, fazendo e narrando o tempo todo, é justamente esse saber coletivo e imediato a fonte de sedução para a maioria. Essa mobilidade das narrativas de si pode ser um importante fator de bem-estar social, quando cada um decide ser o protagonista estridente de suas vidas midiáticas e digitais (SANTANA; COUTO, 2012, p. 39).

Trabalhar a mudança de concepção sobre o uso das mídias no ambiente escolar, não será tarefa que será resolvida com a realização de um seminário. Será necessário também desconstruir costumes que vem do próprio lar, quando alguns pais dão mais atenção às redes sociais que aos filhos. Essa estratégia diz respeito aos processos de formação e de transmissão do habitus.

Esse habitus não seria formado necessariamente na direção que se poderia imaginar, dadas as condições objetivas, e nem seria transmitido aos filhos de modo automático – por “osmose”, como dizia Bourdieu (1998). Lahire (1995) observa que é necessário estudar a dinâmica interna de cada família, as relações de interdependência social e afetiva entre seus membros, para se entender o grau e modo como os recursos disponíveis (os vários capitais e o habitus incorporado dos pais) são ou não transmitidos aos filhos e em que intensidade isso acontece.

4.5 A CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR - AULAS MENOS ENTEDIANTES

A juventude materializa no celular, a ferramenta adequada para canalizar suas aspirações e demandas por autonomia, conectividade onipresente e redes de práticas sociais compartilhadas (CASTELLS 2009). Compreender o por que o jovem afronta o sistema e utiliza o celular dentro da sala de aula, mesmo com risco de penalidade ou censura, também é um outro ponto a ser estudado em cada circunstância específica.

Conforme a pesquisa, eles utilizam mais por entenderem as aulas como entediadas, por quererem mais ação, conversar, entrar nas redes sociais. Ao contrário do que se parecia, os joguinhos não são os preferidos e muitas vezes são até ignorados. O desprezo deles pelas aulas supostamente ocorre por causa de uma educação que lhes é estranha, que não fala de acordo com sua cultura e que ignora suas vontades. Porém um fator que deverá ser explorado é o fato deles terem familiaridade com os aparelhos móveis e suas funcionalidades e do uso contínuo da comunicação quer seja por email ou por aplicativos de redes sociais (WatsApp e Facebook).

Conforme o professor Dr. Crediné Silva de Menezes (UFRGS) - A ferramenta poderá ser boa ou má, depende do uso que se faça dela.- assim, o uso orientado poderá fazer do celular um perfeito aliado ao professor que assumir esse desafio (de buscar alternativas pedagógicas para trabalhar com essa mídia). Conforme o professor, uma sala de aula sempre foi um desafio interessante, antigamente eram aviõezinhos de papel, posteriormente surgiram outras brincadeiras e sempre o que imperou foi o bom senso. O professor tem que trabalhar, sempre criando motivos para prender a atenção do estudante. Assim, comenta, hoje é o celular, amanhã vão inventar outro equipamento que servirá aos mesmos propósitos de distração que são buscados pelo jovem que se queixa de tédio.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem na Faculdade de Educação (FACED), setores como o Departamento de Estudos Básicos (DEBAS), responsável pela área de Aprendizagem em Ambientes Digitais e o Departamento de Estudos Especializados (DEE), de onde são coordenadas várias disciplinas ligadas às mídias, que poderão fazer parte do currículo de formandos em licenciaturas. Além do Instituto de Informática, no Bairro Agronomia, no Campus do Vale. São disciplinas eletivas, alternativas ou até obrigatórias como

(INF01210) Introdução à Informática, que desvenda de modo básico os ambientes Windows e Linux;

(EDU03027) Mídia e Tecnologias Digitais em Espaços Escolares, onde se estuda várias nuances da Informática e sua aplicação nas escolas, com ênfase na educomunicação;

(EDU01016) Projetos de Aprendizagem em Ambientes Digitais, (estuda-se a constituição de projetos aplicáveis aos alunos da educação básica), trabalha-se dentro da escola como exemplo PBWork, mapas conceituais, etc...

São apenas alguns exemplos, dentre muitas outras disciplinas disponíveis, porém, o professor precisa se adequar às novas tecnologias, programas e aplicativos, ou, essa interação, com a juventude da era da comunicação digital, pode ficar só no objetivo.

4.6 ALGUMAS FUNCIONALIDADES E APLICATIVOS QUE PODEM SER USADOS NAS AULAS

Se a direção acredita na mudança para nova metodologia, vai apoiar os professores interessados, facilitando a organização da grade horária, a flexibilização do currículo, participação em propostas de formação continuada etc; se os alunos mostram como se interessam por utilizar mais as mídias, o professor pode repensar sua forma de dar aulas, percebendo que, assim, os alunos podem aprender mais e melhor. E se um grupo de professores consegue se organizar e solicitar horários para reuniões de planejamento de um projeto partilhado e interdisciplinar, a supervisão pedagógica não terá de repensar a organização dos docentes, para permitir este tipo de trabalho (FAGUNDES, 1998).

Como vimos na entrevista, conforme as respostas da questão nº 4 do gráfico 4, 93% dos estudantes levam celular para a escola, desses, 40% são aparelhos de última geração, os chamados smartphones, os outros 53% são tidos como aparelhos com menos recursos, porém interessantes. Todos esses telefones possuem condições de acessar, por exemplo:

- a. A CALCULADORA, que pode ser utilizada na aula de matemática, física ou até química como forma de conferir resultados.
- b. O CONVERSOR, que pode transformar metro em centímetro, peso em grama, etc...
- c. O CRONÔMETRO, aulas de química, no controle de tempo de reação das fórmulas, em educação física, na marcação de tempo de corridas, partidas de futebol...
- d. O TRADUTOR, pode ser utilizado como dicionário e também para traduzir diversos idiomas, principalmente da língua inglesa.
- e. A CÂMERA, nas aulas de Artes poderia registrar cenas, desenhos, pode ser postado no blog da turma, fotos da disciplina para auxiliar quem não pôde ir na aula, ou até para futuras consultas.
- f. A FILMADORA, pode ser feita filmagem, documentários sobre a sociedade, outra área interessante são pesquisas...

g. INTERNET, pode servir de apoio a todas as aulas, sobre pesquisa em tempo real das disciplinas que estiverem sendo trabalhadas...

Apresentaremos também alguns aplicativos de uso geral, porém testados e aprovados como pedagogicamente interessantes:

PEAK - App para treinar a memória, foco, solução de problemas, agilidade mental e linguagem. Também é possível verificar o desempenho do cérebro em cada categoria de habilidade cerebral (emoção, memória, raciocínio, foco, agilidade e linguagem) compara-se por faixa etária, profissão e com outros usuários.

LUMINOSITY - Teste para verificar quais habilidades desenvolve melhor. O primeiro é rapidez mental, o segundo é atenção dividida, ao realizar duas tarefas complexas ao mesmo tempo. O último é um teste de cores. Também ao final, atinge-se um score que é comparado ao de outros participantes.

FITS BRAINS TRAINER - 360 testes dos mais variados formatos, auto ajustável, conforme vai avançando as dificuldades aumentam. O índice de atividade cerebral é medido pelas áreas do cérebro que são estimuladas durante as atividades: memória, velocidade de processamento, concentração, solução de problemas e habilidades visuais.

HAPPIFY - Treina somente as partes do cérebro responsáveis pelas emoções. São atividades desenvolvidas para combater a tristeza, o estresse, a ansiedade, ou até afastar pensamentos negativos. Segundo informação do site, 86% das pessoas que usaram o App regularmente, se sentiram melhores em meses.

Como quase 90% dos jovens utilizam o Facebook, nada melhor que tornar esse uso mais organizado, conforme o gosto do usuário. É possível programar para que o conteúdo desejado apareça primeiro no “feed” de notícias. Esse recurso é interessante para que os alunos visualizem primeiro as páginas onde são postadas as disciplinas do dia, ou, até sobre eventos promovidos pela escola ou pela turma.

1. Visite a página, da qual você quer continuar recebendo conteúdo. Passe o mouse sobre a opção “Curtir” - não é necessário clicar. Em seguida, clique em “Ver Primeiro”. Todas as páginas que estiverem com essa opção selecionada, aparecerão antes no seu “feed” de notícias.
2. Feito isso, passe o mouse mais uma vez sobre a área “Curtir”. No ícone do lápis, à direita da seção “Notificações”, há mais opções de personalização. Clique nele. Em seguida escolha o tipo de postagens, sobre as quais você gostaria de ser avisado: vídeos, fotos, links e atualizações de status. Abaixo, informe se você gostaria de ser avisado sobre um evento organizado perto de você pela página. Ainda é possível configurar as notificações sobre vídeo ao vivo.
3. Há outra maneira de selecionar o que ver primeiro. O cadeado que fica no topo da tela, ao lado dele há uma seta para baixo. Clique nela e, depois, selecione a opção “Preferências do Feed de Notícias”. Os próximos passos são selecionar “Priorize quem ver primeiro” e, por fim, “Pages Only” (em português, apenas páginas).

Uma outra informação que é de grande importância são os sites que oferecem livros de graça na internet, essas bibliotecas on-line, auxiliam leitores independentes e estudantes de toda parte do mundo.

a) Biblioteca Brasileira Guita e José Midlin Link: brasiliana.usp.br

Focada em autores brasileiros e obras ligadas à cultura nacional.

b) Biblioteca Digital Mundial Link: wdl.org/pt/about

Criada pela Unesco, a biblioteca oferece material multilíngue de diversos países.

c) Biblioteca Interativa do Sebrae Link: bis.sebrae.com.br/bis/

Espaço destinado ao compartilhamento do conhecimento voltado para o empreendedorismo.

d) Domínio Público Link: dominiopublico.gov.br/pesquisa/pesquisaobraform.jsp

Desenvolvida pelo Ministério da Educação, a biblioteca disponibiliza mais de 180 mil literaturas que são públicas, na internet.

e) Coleção Aplauso Link: aplauso.imprensaoficial.com.br/novo.php

Oferece biografias de artistas, cineastas e dramaturgos nacionais.

f) Biblioteca Nacional Link: bn.br

Grande parte de um dos maiores acervos do Brasil já está catalogada no campo virtual, com foco na área de periódicos.

g) Livres Link: 2.fe.usp.br:8080/livres/#

É um banco de dados de livros escolares brasileiros. Auxílio para Educadores.

h) E-Books grátis da Livraria Cultura Link: livrariacultura.com.br/c/ebooks/grátis

Um mix de assuntos em vários idiomas.

i) Biblioteca Virtual do Rio Grande do Sul Link: bibvirtual.rs.gov.br/

A plataforma disponibiliza fontes eletrônicas de informação e base de dados para estudo.

j) Google Acadêmico Link: scholar.google.com.br/

Espaço que permite buscar literatura acadêmica de forma rápida e abrangente.

Assim, demos por encerrada essa fase de desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Licenciatura para o curso de Ciências Sociais “CELULAR NA SALA DE AULA - O

Espaço que o Celular pode ocupar no contexto das mídias aplicadas ao ambiente escolar.” Porém o projeto não se esgota aqui, por ser um campo muito fértil.

Diante desses mesmos dados coletados é possível cruzar um número enorme de outras variantes que podem ajudar compreender melhor essa relação contemporânea homem/mundo real/mundo virtual. Os gráficos permanecerão anexos ao projeto, o que possibilitará aos interessados, prosseguir nesse caminho das descobertas sobre o eterno embate entre aluno e professor dentro de uma sala de aula.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para onde está caminhando essa juventude que recebe milhões de informações ao mesmo tempo, porém de forma desordenada, sobre as quais eles passam os olhos superficialmente? Esse “aprender” que significa conhecimento mínimo, sobre um universo que é bem mais profundo do que parece?

Chegamos à conclusão que o poder de interatividade dos aplicativos e as funcionalidades dos aparelhos inteligentes, tornam visível a impotência dos professores, numa competição desleal, da forma com que ela se apresenta. A proibição não surte efeito, gera um ambiente de desconforto e muitas vezes leva a conflitos. E mesmo assim os estudantes continuam utilizando as Tecnologias de Informação Móvel (TIM) nas salas de aula.

É evidente que Bourdieu tira a autonomia do agente, tornando-o refém de um mundo pré-elaborado, onde ele reproduz o costume social, para não se sentir excluído da sociedade. Já Giddens em suas reflexões, dá essa autonomia ao sujeito, ele faz as estruturas e muda-as quando necessário, temos aqui, portanto, um homem reflexivo.

Neste trabalho, deixamos claro que o estruturalismo e o funcionalismo devem incorporar os planejamentos didático/pedagógicos em sua essência, pois ora o agente age conduzido por uma estrutura que não lhe permite a reflexão, e em outros momentos, suas atitudes são tomadas segundo suas concepções. Também pudemos chegar à conclusão de que a escola deverá promover um amplo e permanente debate, envolvendo toda comunidade escolar em suas especificidades.

Já existem bons softwares para apoio à gestão escolar. Tanto os novos modos de organização de registros, como os de acesso automático podem facilitar o atendimento dos sujeitos dessa comunidade. O correio eletrônico e fóruns de debate podem ser muito úteis tanto ao serviço de orientação, quanto ao de supervisão pedagógica. As informações contextuais podem ser registradas, acessadas e analisadas em grupos para fundamentar decisões de planejamento e desenvolvimento de ações específicas. (FAGUNDES 1998)

As novas tendências estão aí, vieram para ficar e são incorporadas por aqueles que farão parte da estrutura da nação. Negar esse caminho natural, só servirá para alavancar conflitos por falta de visão de futuro de uma verdade globalizante. Nas mudanças de costumes da pós-modernidade, o homem busca novas formas de relacionamento:

"estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII [...] e tornaram mais ou menos mundiais em sua influência". (GIDDENS, 1991, p.11).

Num primeiro momento, as leis precisam ser mudadas, portanto, a estrutura é que está causando os maiores atritos nessa relação de desiguais. Como vimos, o próprio estado gera, conflitos quando proíbe o uso das mídias no ambiente escolar e no mesmo momento, produz e incentiva o uso (ENEM 2016) de aplicativos de estudo em tecnologias móveis. Passo seguinte, as escolas devem incorporar essa realidade em seus Planos Político Pedagógicos (PPP) e o professor, (tendo buscado a formação adequada) montará seu planejamento de aulas, incorporando as Tecnologias de Informação Móvel (TIM).

Os estudantes abdicam de muitos outros caminhos na vida, pelos “prazeres” da tecnologia, assim podemos afirmar que a adoração pela realidade virtual capitaneada pelos celulares, tablets ou computadores pode ser conduzida para os caminhos pedagógicos dentro de uma estratégia de ensino construída pelo professor, com aulas essencialmente futuristas. Nesse ponto passamos a imergir no sucesso alcançado pela Sociologia da Educação de Bourdieu. Ela constitui, ainda hoje, se não o mais importante, certamente um dos mais importantes paradigmas utilizados na interpretação sociológica da educação, quando os agentes e a estrutura sedimentam propósitos concretos.

Assim se apresenta a nova realidade, um mundo pervasivo que deverá ser tratado, primeiramente desconstruindo o papel de vilãs, imposto a essas tecnologias, e assentando sua usabilidade aliada ao ensino como construtora do conhecimento numa dimensão físico/virtual.

Os celulares devem ser usados e explorados ao máximo, deve-se aprender sobre eles, suas funcionalidades, numa busca por facilidade e conveniência para adequações didáticas, sem nenhum sentido de confronto com o modo tradicional de dar aula. Isso significa uma soma de potencialidades. Assim sendo,

O professor que não respeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e sua prosódia... transgride os princípios fundamentalmente éticos da nossa existência (FREIRE, 1996, p. 66).

O uso consciente do celular na sala de aula, não é só dever do aluno, mas como construído nas argumentações anteriores, uma construção que envolve primeiramente as estruturas. Os professores têm que assumir seus papéis de mestres e abraçar de vez a ideia de que, interagir na dimensão da juventude, é capacitá-los ao uso consciente dessa mídia, é ensiná-los que, poder acessar as informações por um celular onde e quando quiserem, não significa que eles devam fazer isso a todo momento.

A Sociologia no Ensino médio deve cumprir um papel importante de formar um cidadão crítico, preparado para a vida. Também deve exercer seu papel de ciência da sociedade, detectando os problemas, investigando e apresentando diagnósticos. O celular na sala de aula – seu significado, relevância, prática e realidade – está entre alguns dos temas mais fecundos, relevantes e atuais na educação brasileira, prova disso é o número crescente de eventos, estudos, pesquisas e publicações que têm se dedicado a essa questão.

Mesmo com esse acúmulo de conhecimento produzido, não estamos sentindo atitudes conjunturais práticas que demonstrem o acerto dos passos nesse sentido, ainda existem muitos elementos, lacunas e dimensões – de diversas ordens, que precisam ser investigados e debatidos.

Chegará o momento em que o uso do celular dos estudantes na escola não será mais uma transgressão, quando se avançar rumo a um entendimento conjunto de uso ético e produtivo para a educação. As categorias de “distração”, “tempo livre”, “comunicação” e “redes sociais” têm vínculos potenciais com o “uso didático”. Antes de qualquer iniciativa da escola na tentativa de aproveitar este costume dos alunos, é necessária uma compreensão do fenômeno do ponto de vista cultural e social. Nesse sentido, não existe uma “receita” pronta, cada comunidade é um caso que precisa ser estudado individualmente.

Pensar como a escola pode vir a ter mais sentido na vida desses jovens conectados é uma questão não apenas para a área de educação, como para a sociedade em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman.
2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981
- BAZELEY, P. (2002). **Issues in Mixing Qualitative and Quantitative Approaches to Research**. Proceeding of Internatioal Conference – Qualitative Research in Marketing and Management, 1
- BOMENY, Helena , Darcy Ribeiro: **Sociologia de um Indisciplinado**, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001
- BOURDIEU, Pierre. “**A luta contra a desclassificação**”. In: A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.
- _____. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992
- _____. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CASTELLS, M. **A comunicação móvel e a sociedade: A Global Perspective**. Cambridge: MIT Press, 2009.
- FAGUNDES, Lea. **Aprendizes do Futuro: As inovações Começaram**. São Paulo: Editora USP , 1998
- FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Coleção Pesquisa Qualitativa (Coordenação de Uwe Flick). Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2009
- _____. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Coleção Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2009.
- _____. (2005a). **Métodos Qualitativos na Investigação Científica**. (2a ed.). São Paulo: Monitor.
- _____. (2005b) **Triangulation in Qualitative Research**. In: Flick, U., Kardorff, E., & Steinke, A. Companion to Qualitative Research. London: Sage, 178-183
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIDDENS, Antony. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003
- KELLE, Udo, **Sociological Explanations between Micro and Macro and the Integration of Qualitative and Quantitative Methods**.
- LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável**.
São Paulo: Ática, 1995
- MÉSZAROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

PUTNAM, Robert. **Comunidade e Democracia**: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

SANTANA, C. L.; COUTO, E. S. **A publicização da vida privada no Twitter**. Fronteiras – estudos midiáticos, v. 14, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. – Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SCHULTZ, Theodore W. **O Valor Econômico da Educação**. RJ: Zahar, 1971

SOARES, Ismar de Oliveira Soares. **Educommunication**. São Paulo: NCE–ECA/USP. 2004.

VARELA, Julia & ALVAREZ-URIA, Fernando. **A Maquinaria Escolar**. 1992.

<http://designinterativo.blogspot.com.br/2006/08/processo-de-triangulao-de-perspectivas.html>

<http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>

<http://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/educomunicacao.htm>

ANEXOS

Composto de 28 gráficos pesquisa realizada com **316 ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**, em 12 escolas e entrevistas com **28 PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO** de 8 Escolas Públicas, no município de **PORTO ALEGRE RS**, nos meses de agosto e setembro de 2016.

Gráfico - 1

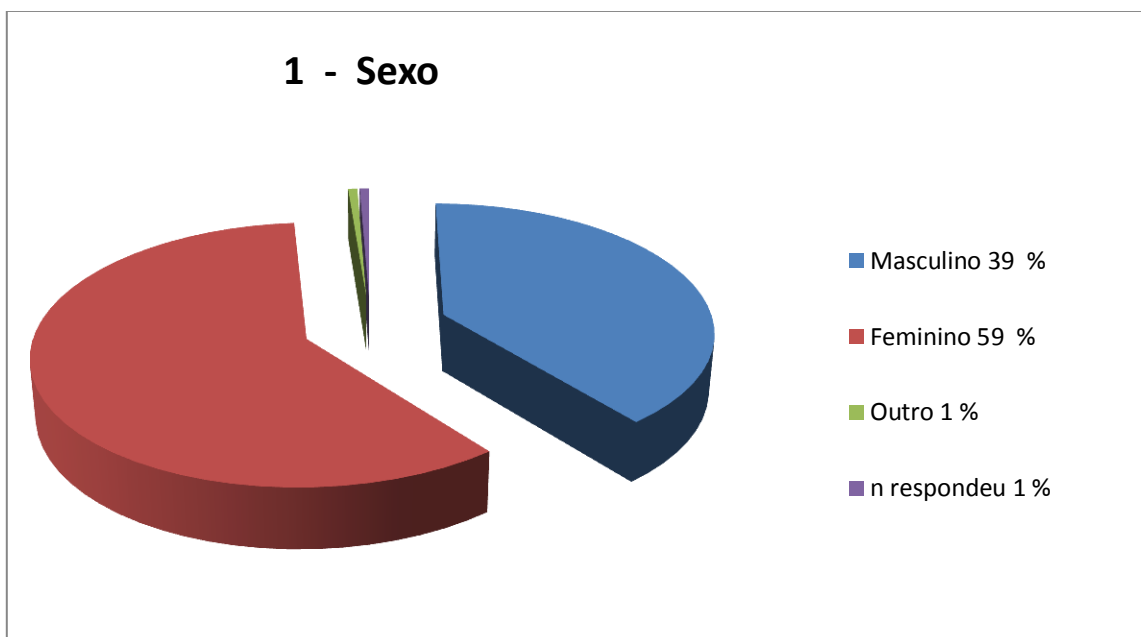


Gráfico - 2

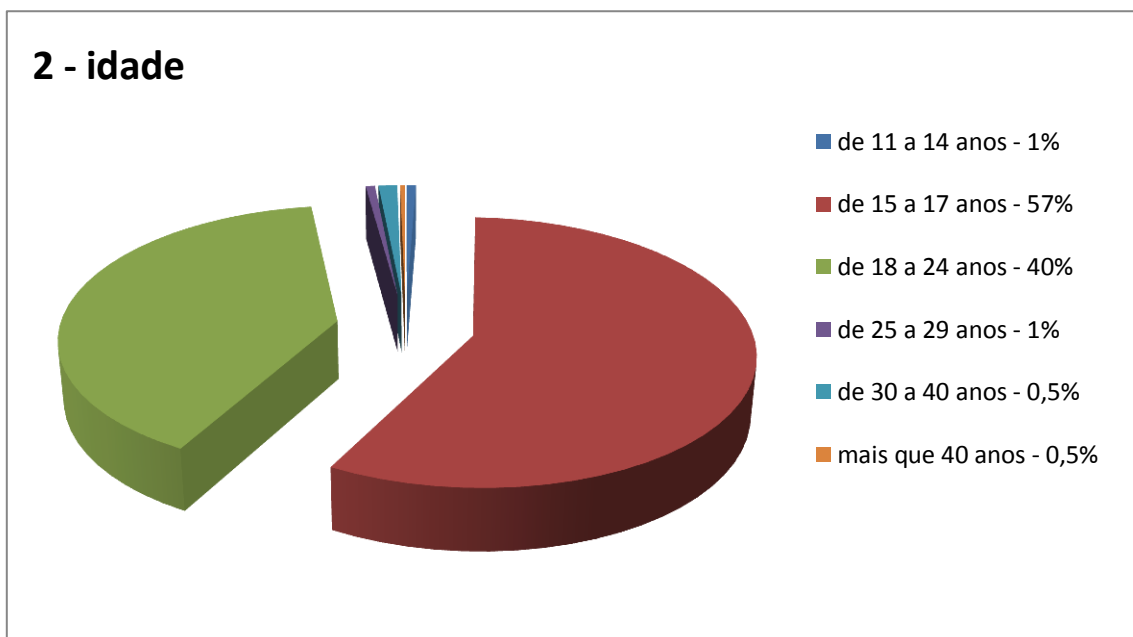


Gráfico - 3

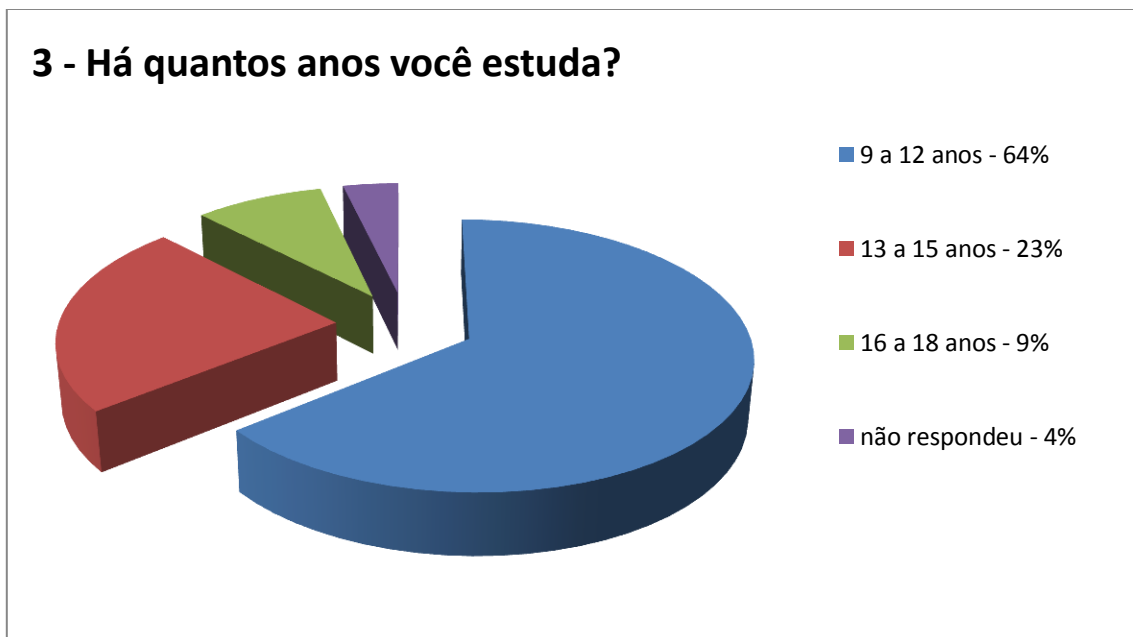


Gráfico - 4

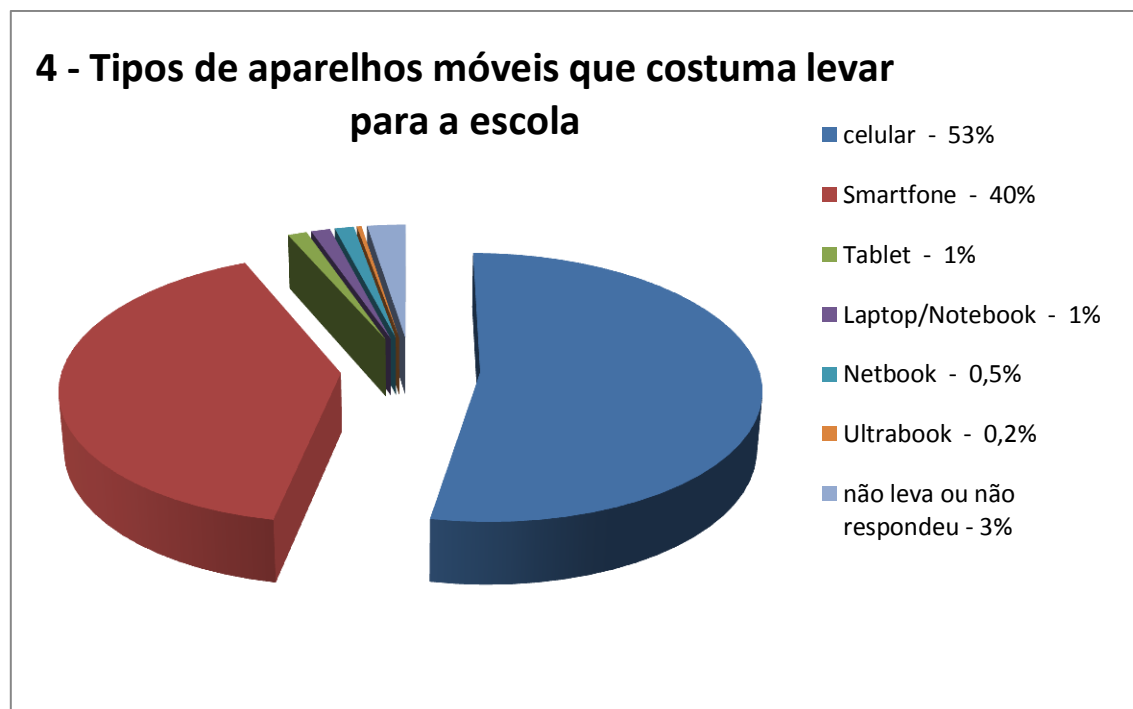


Gráfico – 5

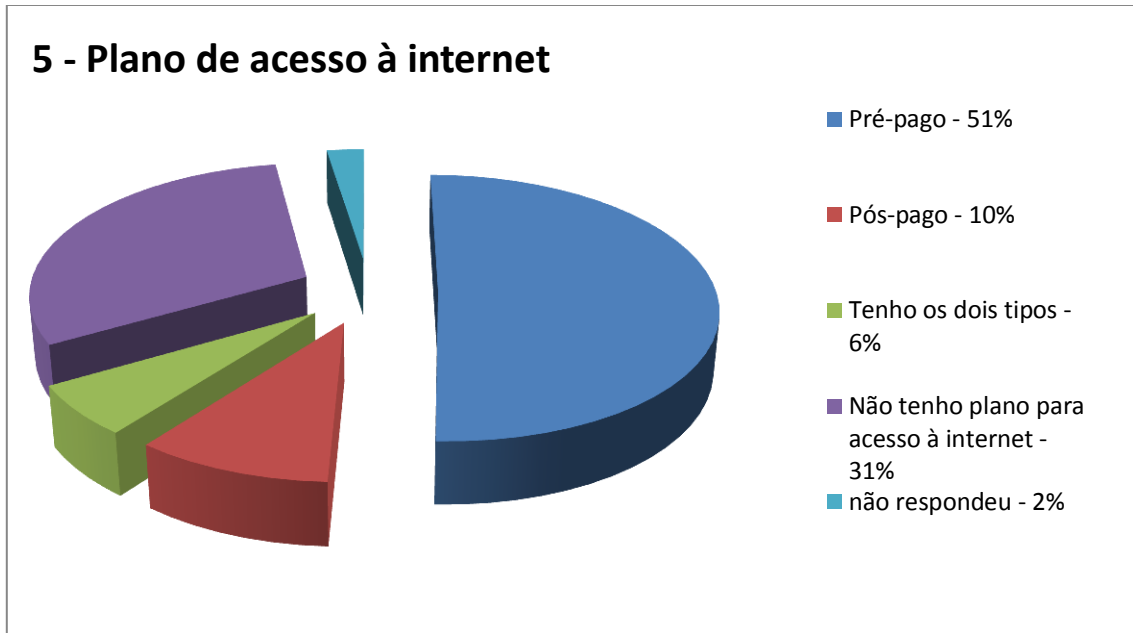


Gráfico – 6

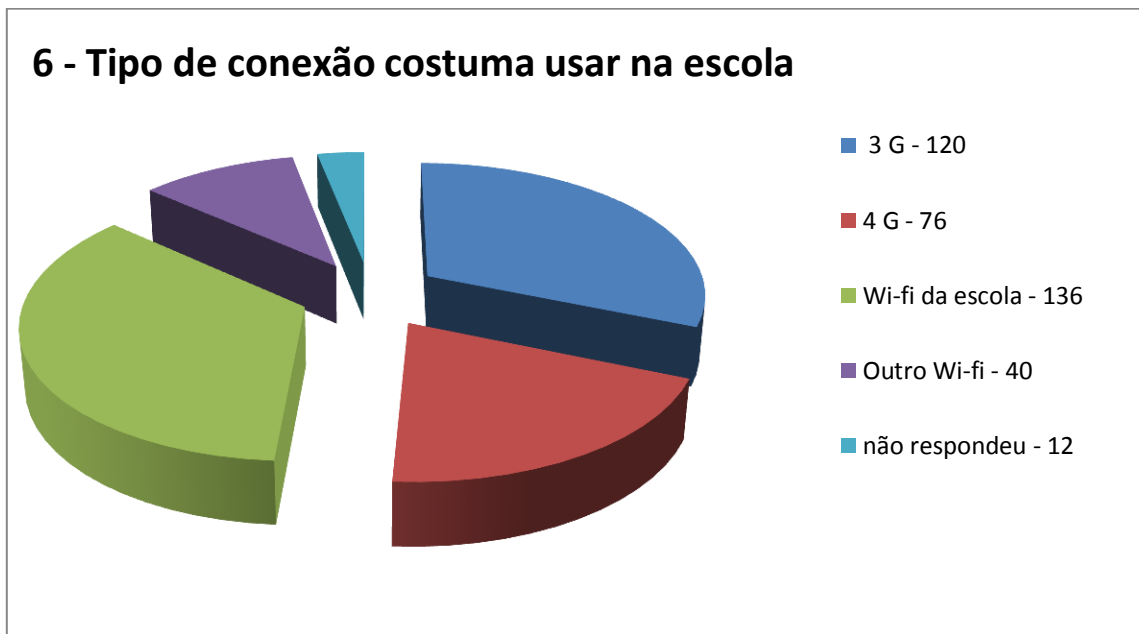


Gráfico – 7

7 - Principais sites/aplicativos utilizados

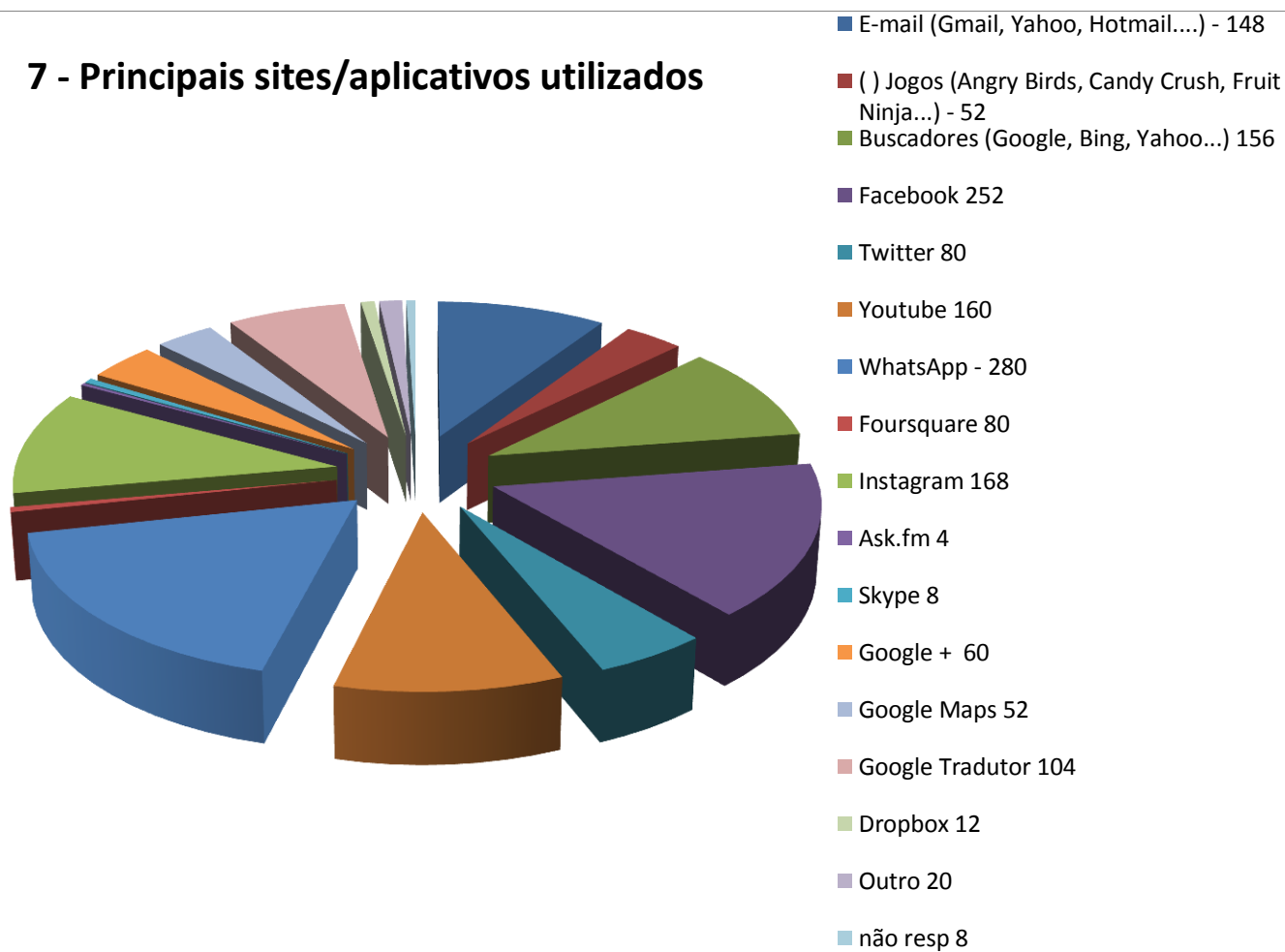


Gráfico – 8

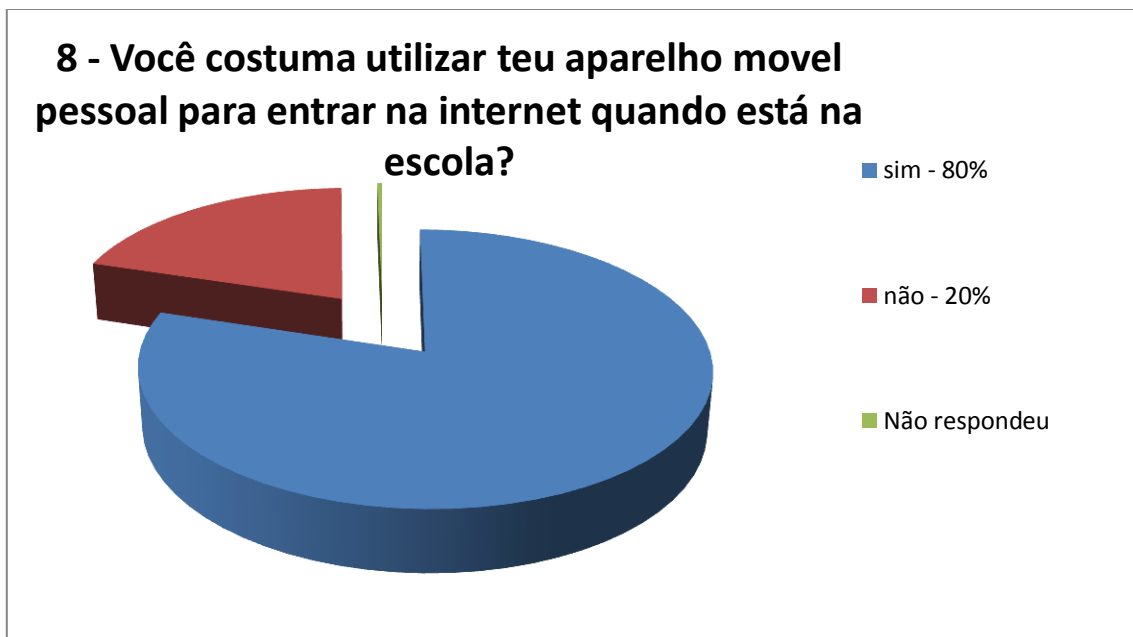


Gráfico 9



Gráfico 10

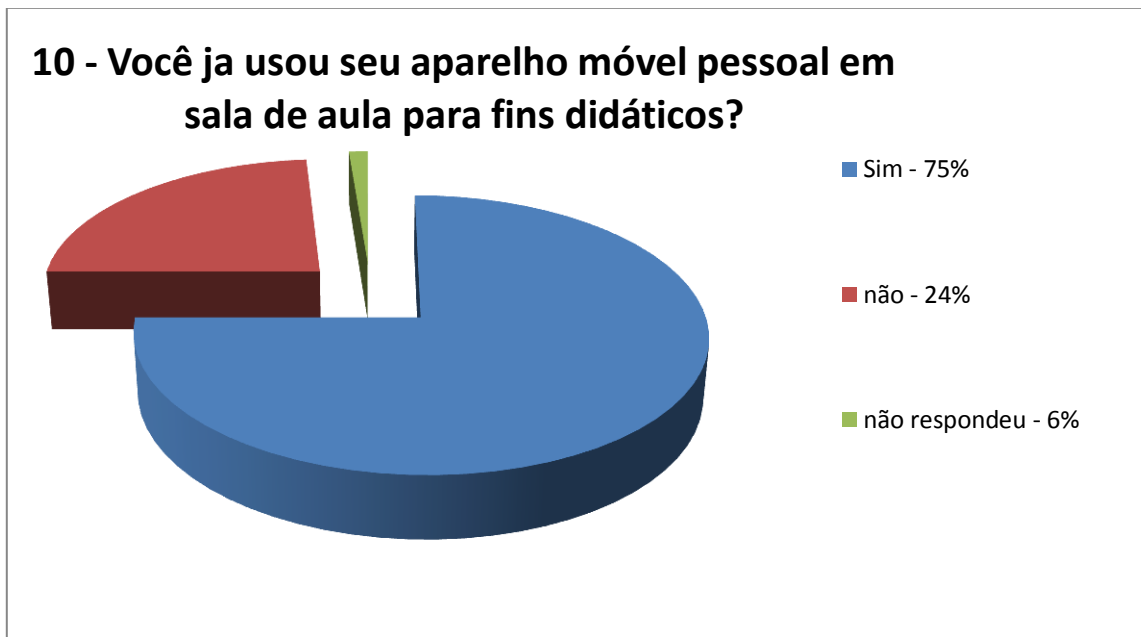


Gráfico 11

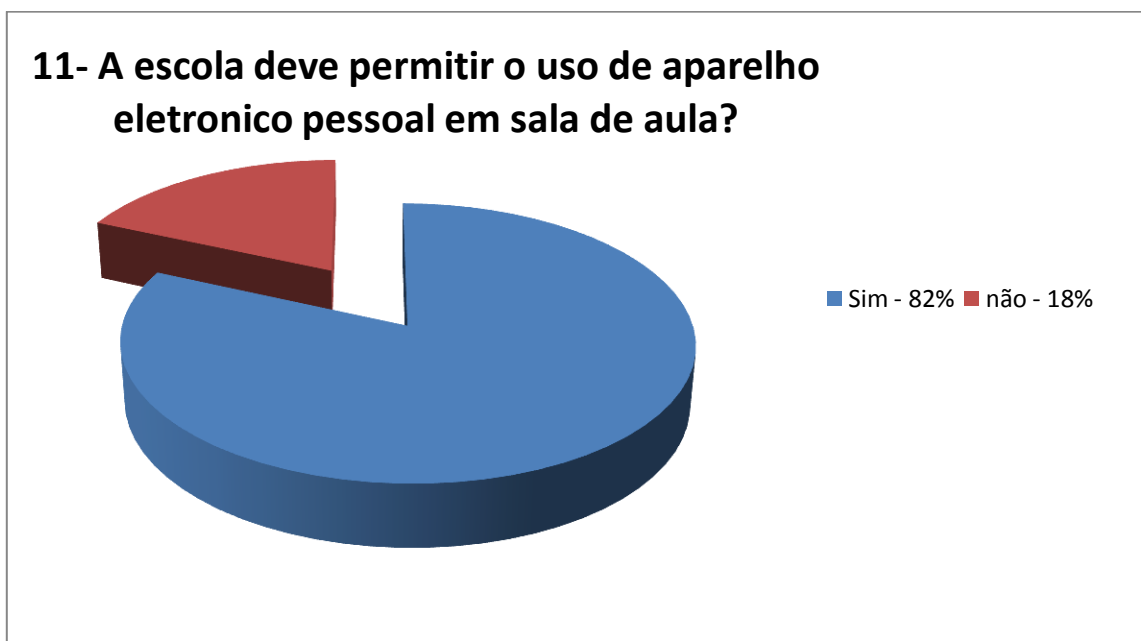


Gráfico 12

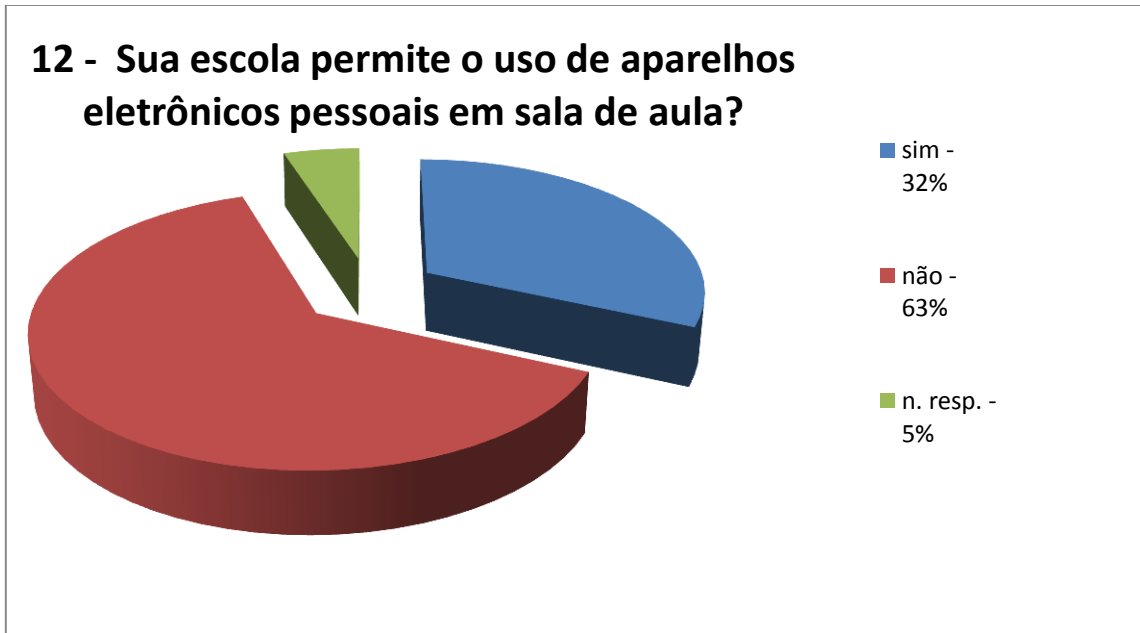


Gráfico 13

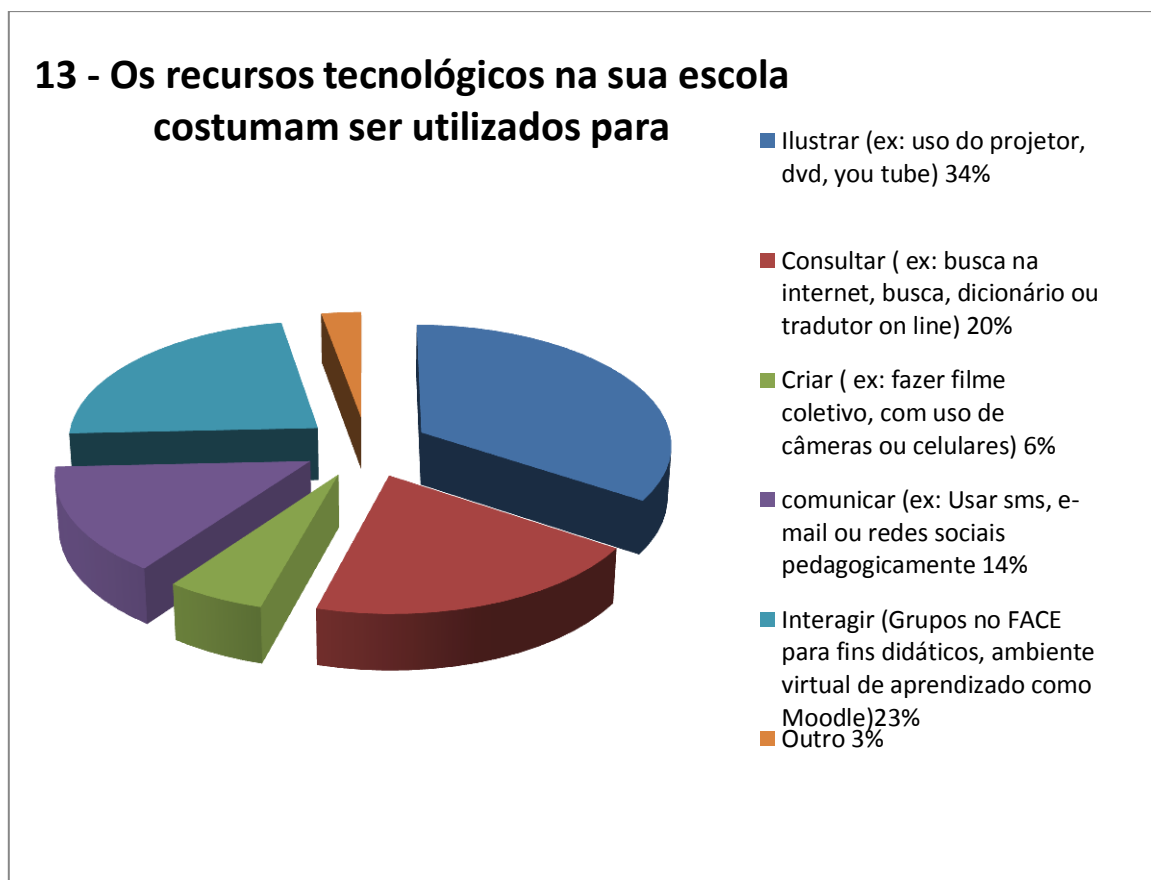


Gráfico 14

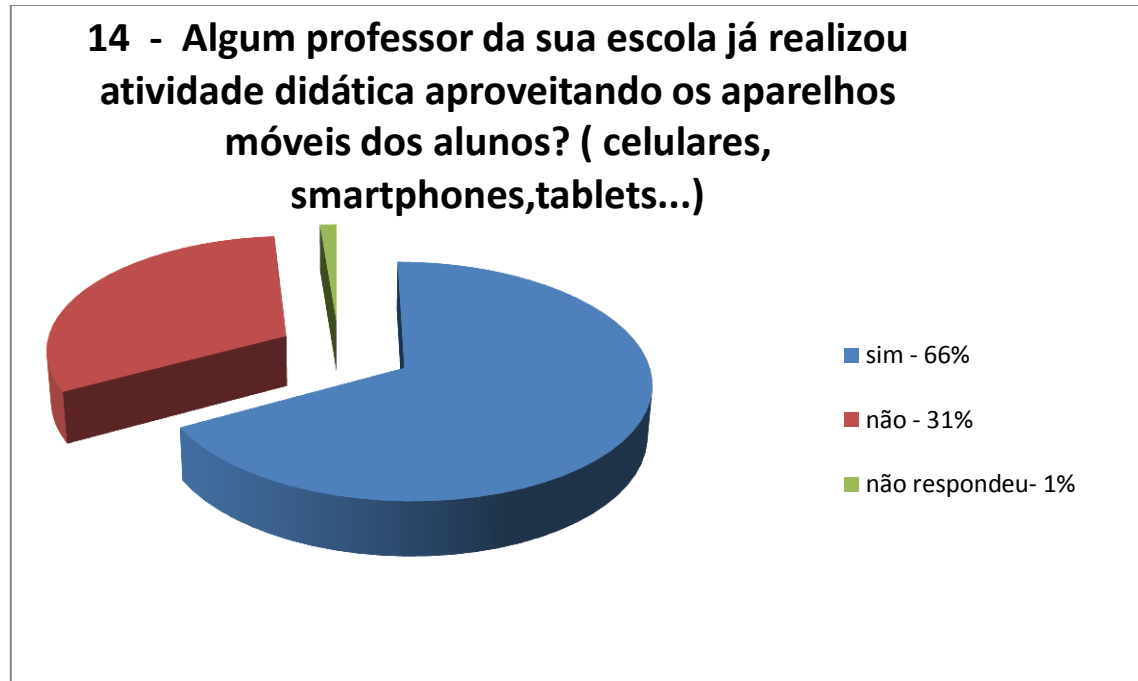


Gráfico 15

15- Como você acredita que a escola poderia aproveitar o uso dos aparelhos móveis dos alunos na sala de aula ?

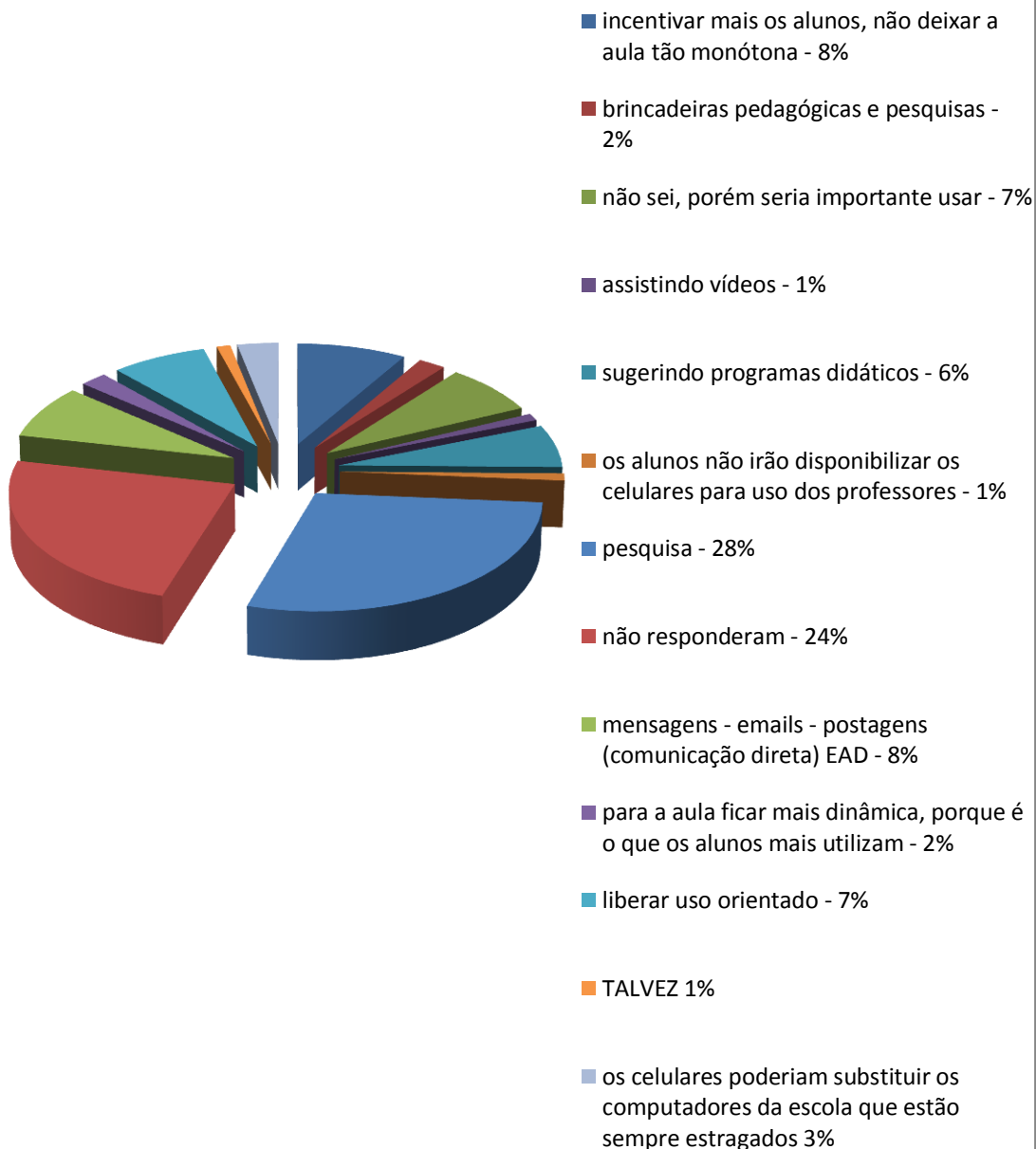


Gráfico 16



Gráficos das entrevistas com 28 PROFESSORES do Ensino Médio de 8 Escolas públicas de Porto Alegre, realizadas nos meses de agosto a setembro de 2016:

Gráfico 17

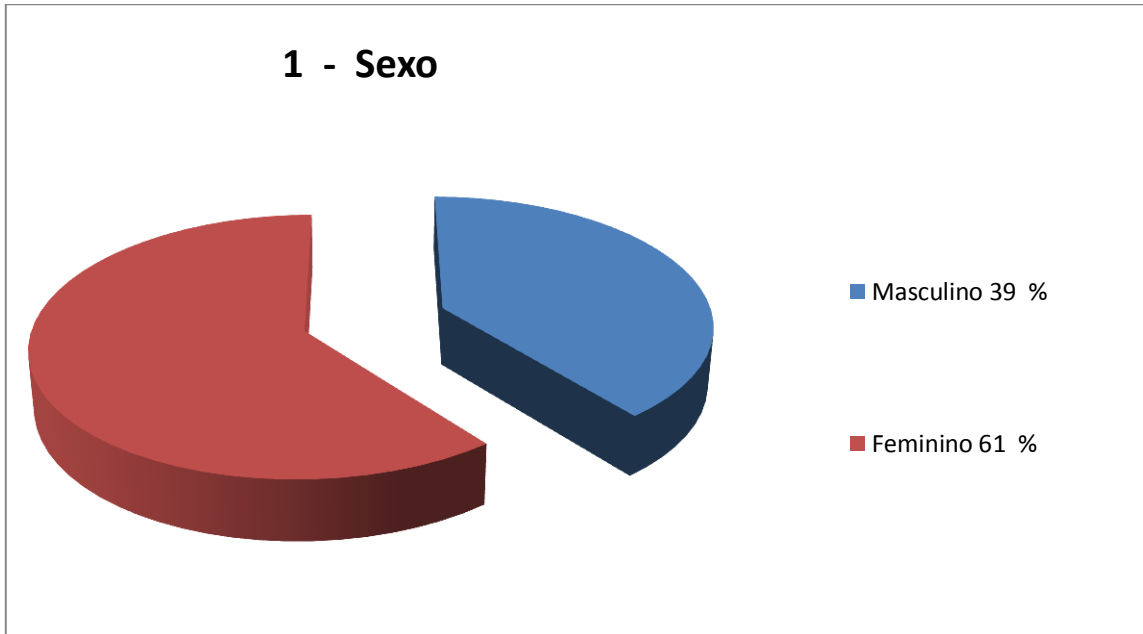


Gráfico 18

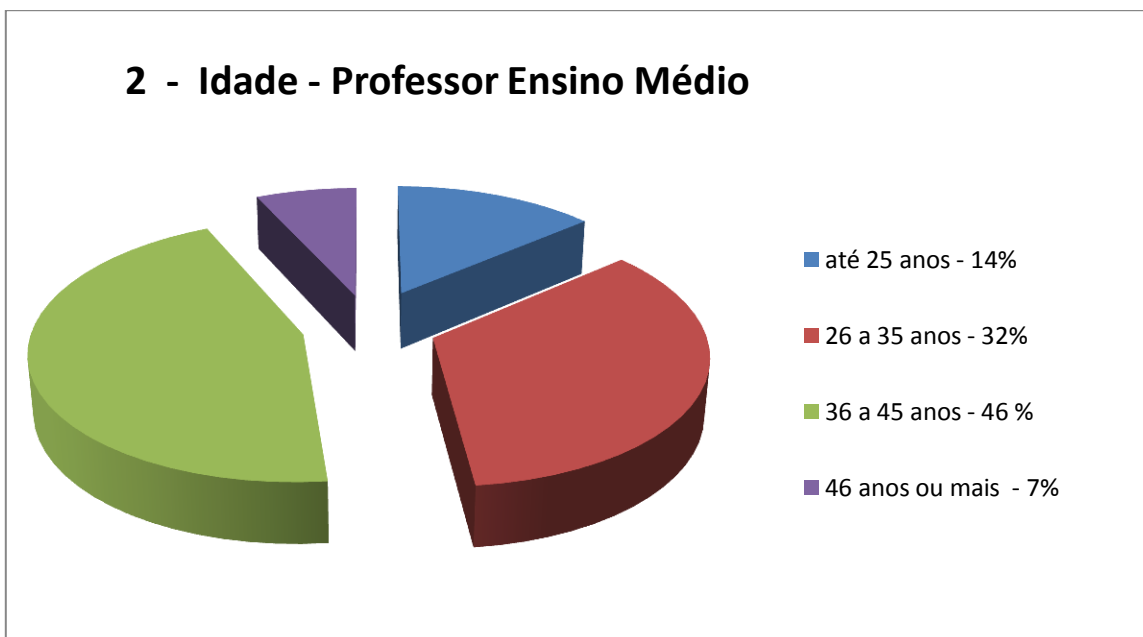


Gráfico 19

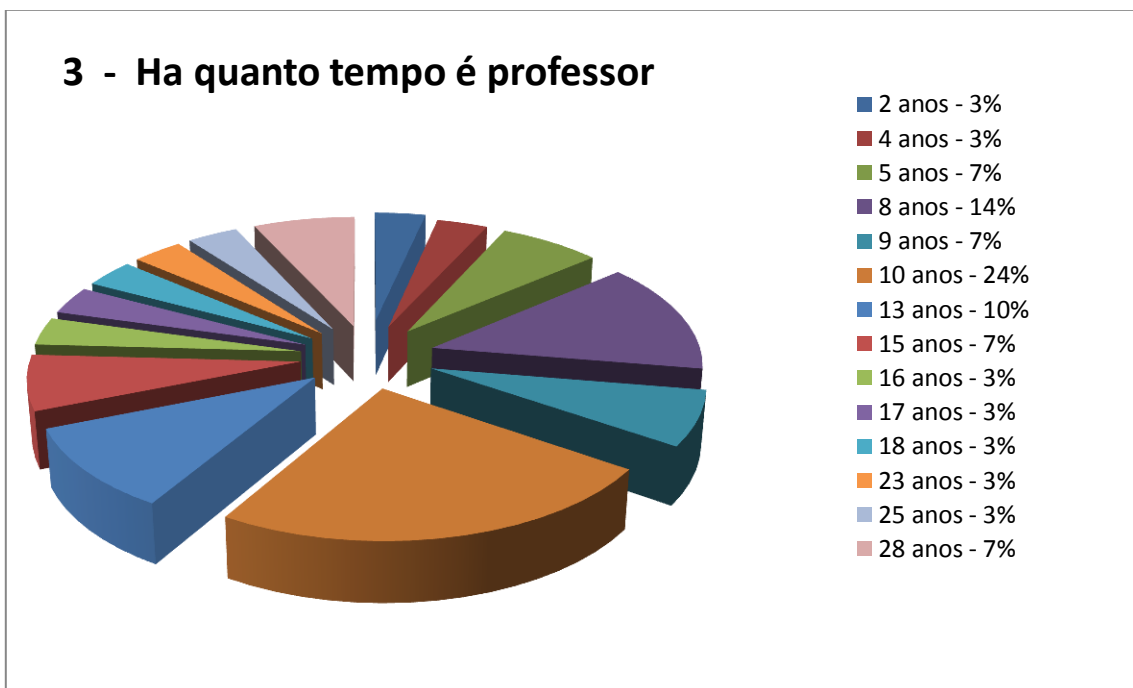


Gráfico 20

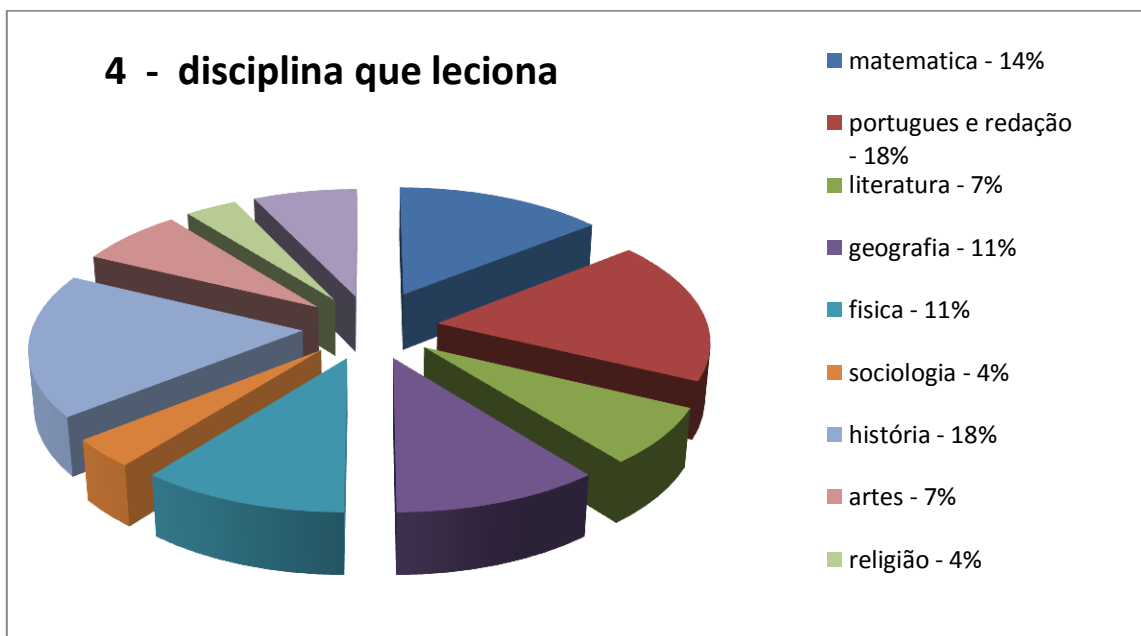


Gráfico 21

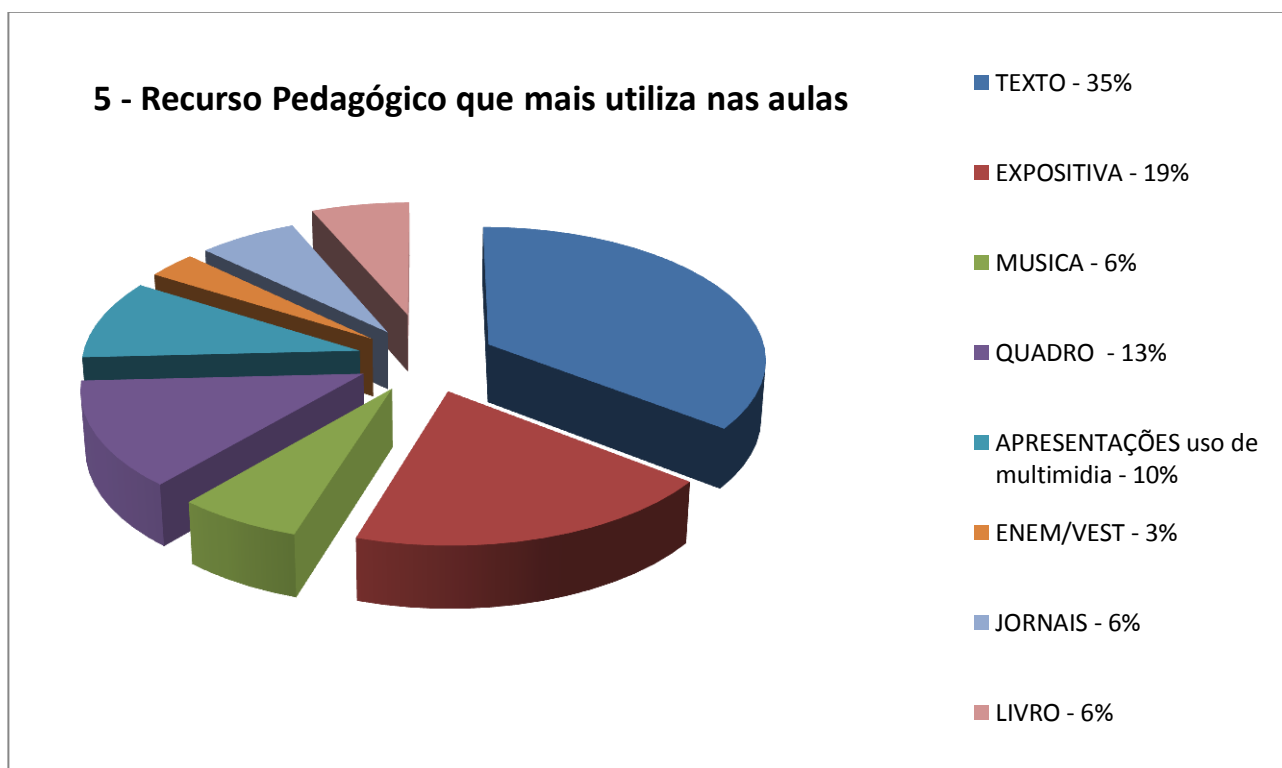


Gráfico 22

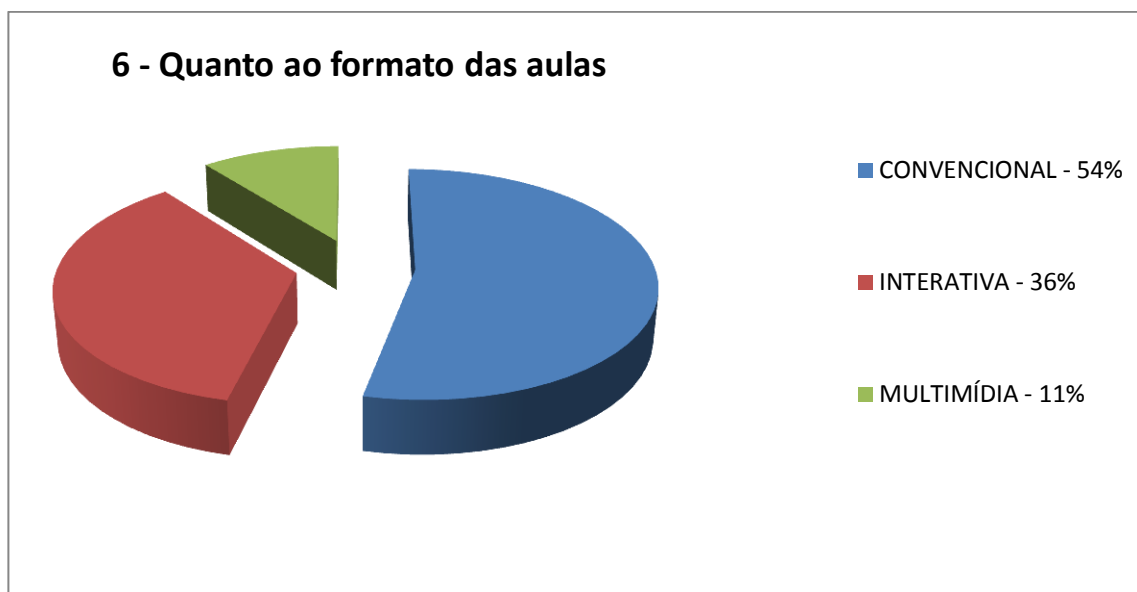


Gráfico – 23

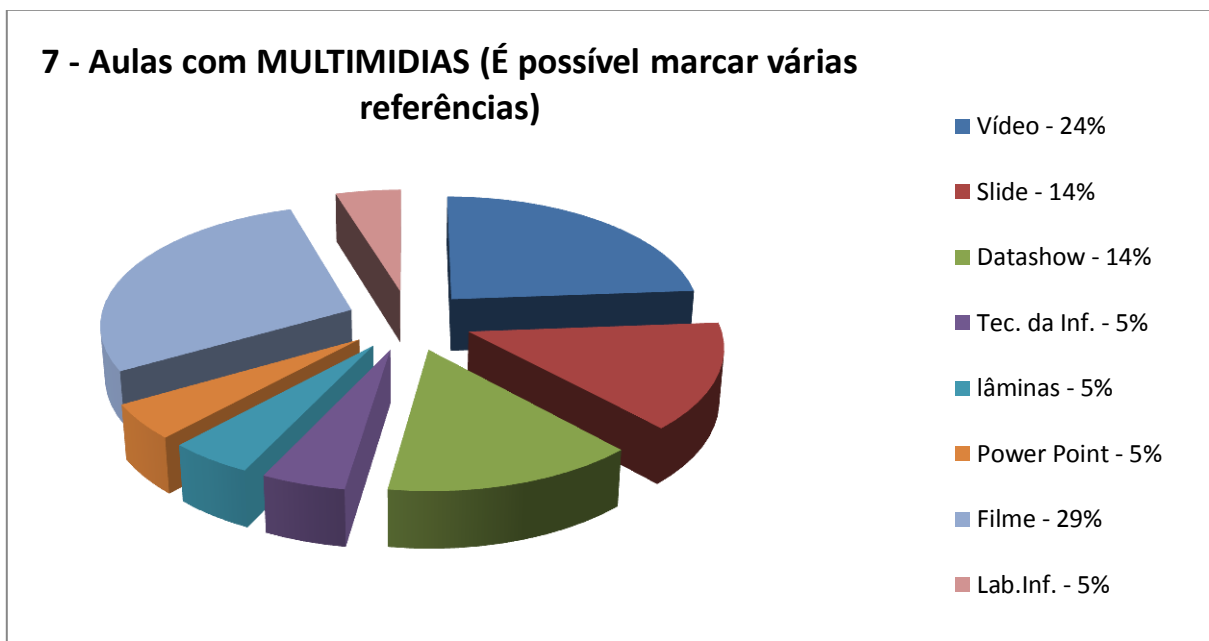


Gráfico 24

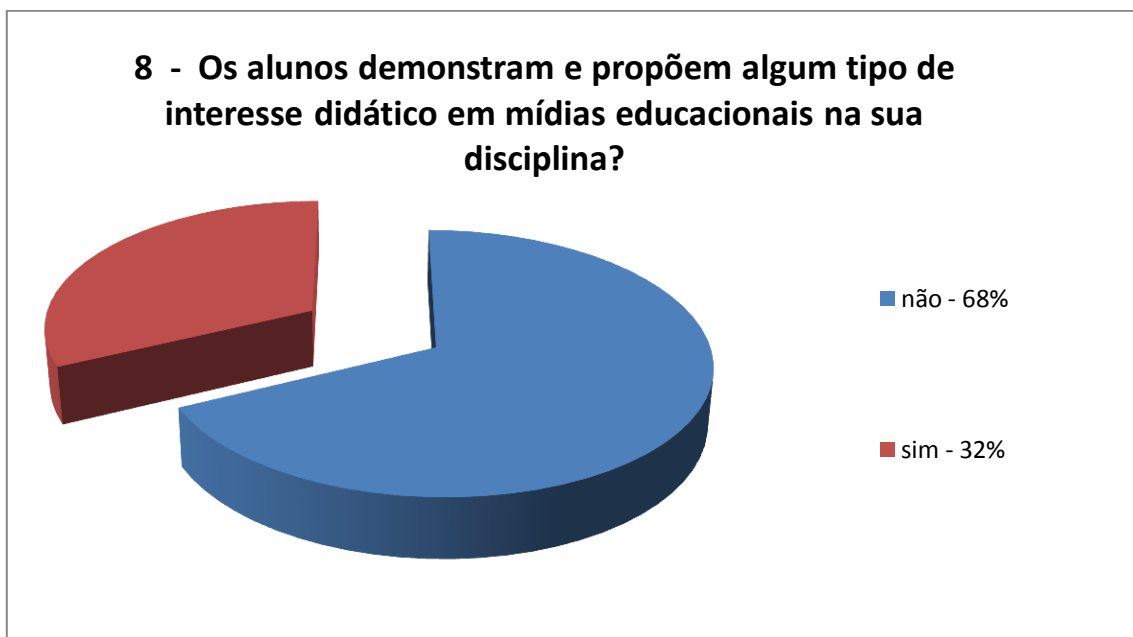


Gráfico 25

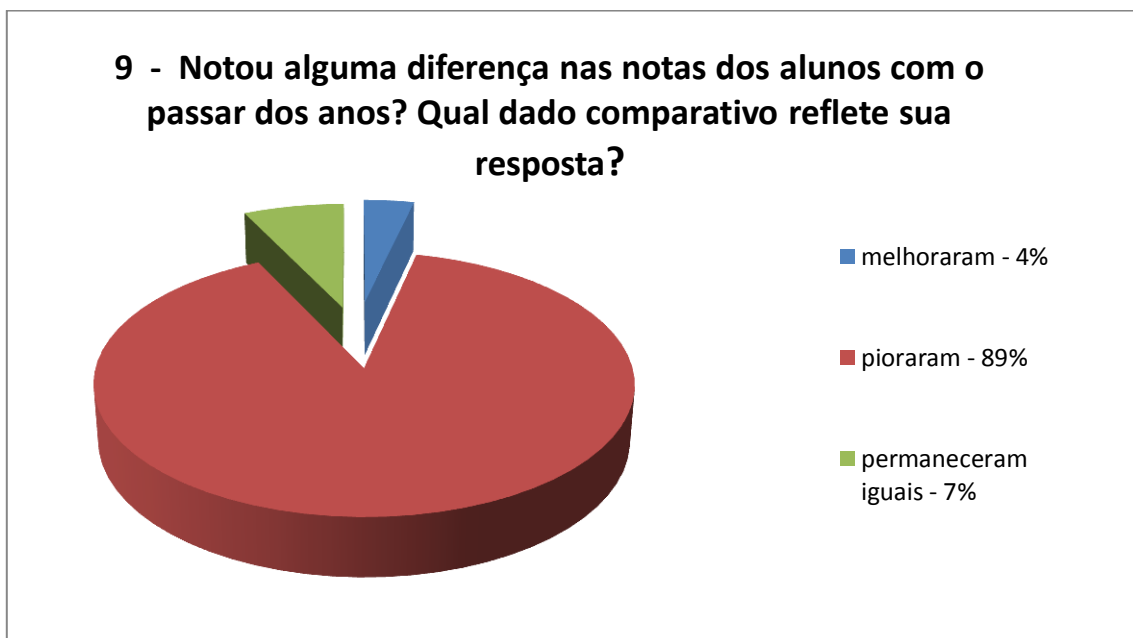


Gráfico 26



Gráfico 27

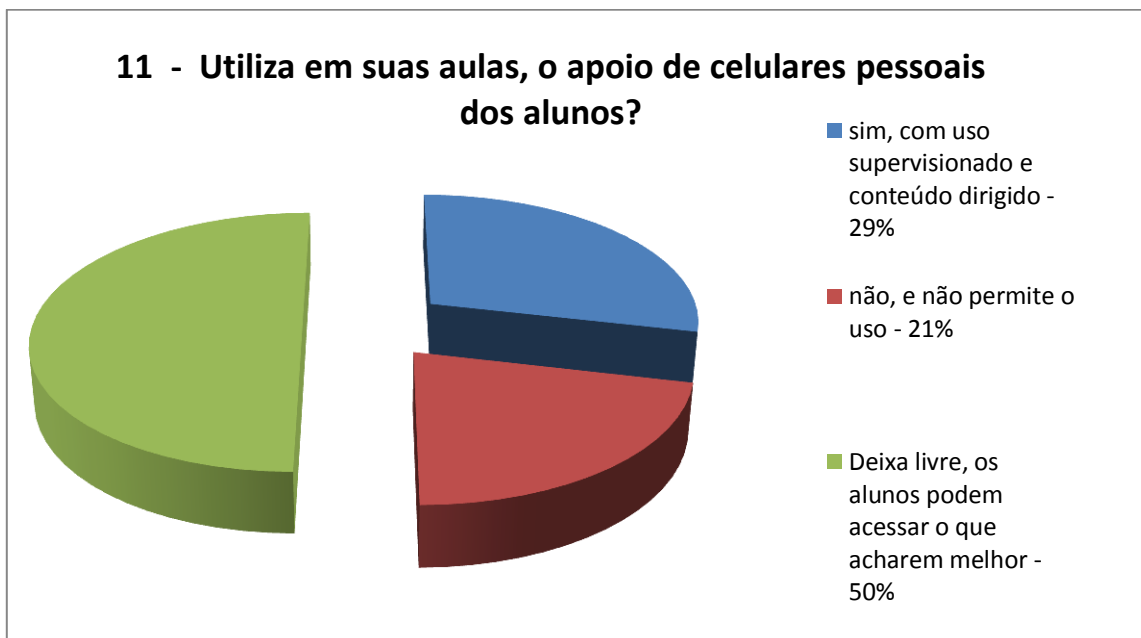


Gráfico 28

